Sergio de Moraes Bonilha Filho

campo landeliano

São Paulo

2010

Sergio de Moraes Bonilha Filho

campo landeliano

Dissertação apresentada ao Departamento de Artes Plásticas
da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Artes,
sob orientação da Profa. Dra. Branca Coutinho de Oliveira

São Paulo
2010

Defesa realizada em

/

/

Ao infinito de formas e seres.

Agradecimentos sinceros a todos que apoiaram o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente à querida orientadora, Branca de Oliveira, e aos professores Silvia Laurentiz e Rogério da Costa, que encorajaram esse salto ao desconhecido. Igualmente, à Luciana Ohira, sempre solidária e generosa, companheira inseparável nos experimentos e pesquisas dos quais derivou este trabalho.

Resumo

Esta dissertação consiste em pesquisa sobre virtualidades possivelmente presentes nas teorias que incentivaram as primeiras tentativas de transmissão eletromagnética sem fios em fins do século XIX, reportando também ao deslocamento dessas teorias em direção a outras áreas do conhecimento. Após breve retrospectiva do processo de invenção do rádio - no qual concorreram esforços de diversos pesquisadores como James Clerk Maxwell, David Edward Hughes, Heinrich Rudolf Hertz, Nikola Tesla, Roberto Landell de Moura e Guglielmo Marconi - o estudo revê vasta literatura relacionada ao campo da Parapsicologia, tentando encontrar informações mais detalhadas sobre contatos interdimensionais semelhantes aos descritos por Roberto Landell de Moura, Nikola Tesla e Thomas Alva Edison em depoimentos concedidos à mídia impressa no início dos anos 1900. Finalmente, consiste numa fabulação poética a partir desse contexto.

Palavras-chave

invenção do rádio, transcomunicação instrumental, contato interdimensional, eletromagnetismo, Roberto Landell de Moura, Nikola Tesla, artes visuais, filosofia.

Abstract

This is a survey of virtual potentialities of the inventions related to the early development of wireless technology at the end of nineteenth century, as well as its recurrence in other areas of knowledge from there onward. After a brief historical review on the radio invention (involving several scientists as James Clerk Maxwell, David Edward Hughes, Heinrich Rudolf Hertz, Nikola Tesla, Roberto Landell de Moura and Guglielmo Marconi) goes into a wider literature review on the parapsychology field which brings more detailed information on interdimensional contacts as the ones described by Roberto Landell de Moura, Nikola Tesla and Thomas Alva Edison at newspapers and magazines in the early 1900's. As a result this is also a poetical view about this context.

Keywords

invention of radio, instrumental transcommunication, interdimensional contacts, electromagnetism, Roberto Landell de Moura, Nikola Tesla, visual arts, philosophy.

Sumário

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - apresentação	19
1.2 - objetivos	20
1.3 - metodologia	21

2 - DISCUSSÃO

2.1 - des-Procusto	25
2.2 - notas landelianas	26
2.2.1 - intróito	26
2.2.2 - sobre o Elemento R	27
2.2.3 - o Perianto	28
2.2.4 - estenicidade e eletricidade	31
2.2.5 - o Elemento Universal	34
2.2.6 - dois fragmentos	36
2.2.6.1 - ‘The Telephotorama’	36
2.2.6.2 - ‘senza titolo’	37
2.3 - chamadas em espera	37
2.3.1 - Augusto de Oliveira Cambraia	38
2.3.2 - Thomas Alva Edison	38
2.3.3 - Oscar D’Argonnel	40
2.3.4 - Coelho Neto	42
2.3.5 - Próspero Lapagesse	43
2.3.6 - Attila Von Szalay	43
2.4 - Electronic Voice Phenomenon (EVP)	44
2.4.1 - achado inesperado	45
2.4.2 - o fenômeno se repete	47

2.4.3 - interrupção: é preciso ponderar sobre a pesquisa	49
2.4.4 - repetições em forma de experimento	51
2.4.5 - as gravações tornam-se surpreendentes	52
2.4.6 - divulgação dos experimento	56
2.4.7 - consequências da pesquisa	57
2.4.8 - considerações finais	59
2.5 - Estação Luxemburgo	60
2.5.1 - a Conferência de Darmstadt	61
2.5.2 - sincronias interdimensionais, alguns exemplos	69
2.5.3 - pesquisadores vários auxiliam na Estação Luxemburgo	72
2.5.4 - Marduk e o Rio da Eternidade	75
2.5.5 - limitações dos contatos	77
2.6 - notas laboratoriais	79
2.6.1 - do acesso aos materiais	80
2.6.2 - da localização do laboratório	82
2.6.3 - do método aplicado	82
2.6.4 - achados sonoros e numéricos	83
 3 - CONCLUSÃO	 84
3.1 - recorrências teóricas	85
3.2 - considerações finais	86
 4 - BIBLIOGRAFIA	 91
5- APÊNDICE	95
6 - ANEXO	104

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - apresentação

Operam como gume as circunscrições históricas de fatos e nomeações que fixam autorias individuais a eventos e inventos, cindindo a vida sob a ficção do antes e depois abruptos, num diapasão surdo que exclui circunstâncias prévias e ulteriores em favor de um sistematizar, não raro, vassalo de interesses convenientemente omitidos e avessos ao jorro do tempo. Assim, inversamente a tal ‘modus operandi’ e sem nenhum intento que busque diminuir o mérito de Guglielmo Marconi (Bolonha, 1874 - Roma, 1937) frente ao aperfeiçoamento das transmissões por “mídias naturais”¹, tem-se em mira, neste breve retrospecto que se segue, remontar à profusão intelectual de um contexto do qual pôde emergir este notável invento, o Rádio.

Consta nos devidos autos que, previamente à publicação dos experimentos de Heinrich Hertz entre 1887 e 1888 (Hamburgo, 1857 - Bonn, 1894), James Clerk Maxwell (Edimburgo, 1831 - Cambridge, 1879) ao longo da década de 1860 já havia burilado em sua forma final a teoria moderna do eletromagnetismo - Maxwell provara por vias teóricas que uma força elétrica pode, em determinado referencial, ser considerada magnética se analisada noutro ou vice-versa - e também David Edward Hughes (Londres, 1831 - Londres, 1900) havia demonstrado em 1878 a teoria de Maxwell, transmitindo e recebendo ondas eletromagnéticas entre dispositivos separados por centenas de metros. Paralelamente, Nikola Tesla (Smiljan, 1856 - Nova Iorque, 1946) e Alexander Stepanovich Popov (Krasnoturyinsk, 1859 - São Petesburgo, 1906) pesquisavam métodos para transmissões eletromagnéticas sem fios, apresentando ao longo da década de 1890 substanciais aperfeiçoamentos das técnicas empregadas por Hertz.

1) expressão frequentemente utilizada por Nikola Tesla, referindo-se às transmissões eletromagnéticas sem fios.

Desta feita, podemos entender a razão do êxito de Marconi em sua demonstração de 1895 ser considerado por muitos como fruto de uma condensação de idéias que à época efervesciam em torno do neófito campo das telecomunicações. Por outro lado, outros tantos consideram-se satisfeitos com a idéia de que tal demonstração tenha inaugurado um invento em si, permanecendo polêmica a questão, mesmo tendo o supracitado inventor italiano passado por dois famosos processos jurídicos², a Suprema Corte dos EUA considerou falsa a reclamação de Marconi - que afirmava nunca ter lido as patentes de Tesla - determinando como inexistentes quaisquer inovações em seu trabalho e creditando ao Sr. Nikola Tesla a autoria da primeira rádiotransmissão. Mas isso não é tudo, houveram outros importantes fluxos neste plano de acontecimentos, os quais abordaremos mais adiante.

1.2 - objetivos

O presente trabalho constitui esforço investigativo bastante circunscrito às condições históricas que concorreram para o surgimento das radiocomunicações em nosso planeta e noutros orbes, tendo portanto interesse nas decorrências eclípticas proporcionadas por eventuais pontes que daí puderam partir.

Apoiado principalmente em âmbito bibliográfico, tem como fonte irradiadora um espectro de pesquisadores que em conjunto vêm atuando consistentemente desde a segunda metade do século XX ou, em alguns casos, desde as primeiras pesquisas relativas à eletricidade. Todavia, a imensa riqueza de informações - que dos relatos e documentos eflui - materializa-se também em âmbito laboratorial para dar aos olhos e ouvidos um dispositivo receptor de ondas bastante sensível a variações eletromagnéticas locais. Assim, pesquisa teórica, práxis e o próprio ambiente do laboratório fundem-se numa só obra, orientada à sondagem de um limite que não se pode precisar.

2) Sir Oliver Joseph Lodge também requeria autoria sobre algumas patentes registradas por Marconi, entretanto, não teve sucesso em suas requisições.

1.3 - metodologia

A partir de uma fase inicial menos direcionada, pautada por breves estudos dos mecanismos de recepção/transmissão radiofônicas e por um vaguear relativamente incôscio de objetivos definidos, formulou-se o presente plano de pesquisa. Seria portanto fantasiosa qualquer tentativa de isolamento dos elementos disparadores da sistematização que se segue, ainda assim, faz-se mister ressaltar a importância de alguns fatores como, por exemplo, a patente de nro. 645576, “System Of Transmission Of Electrical Energy” (vide ANEXO A), registrada nos Estados Unidos da América pelo ilustríssimo Sr. Nikola Tesla em março de 1900. Emana desse invento - apoiado numa sutil plasticidade de idéias - a percepção de vastidões ainda sem margens definidas; vê-se, então, dessas espiras de aplicações quase especulativas, ondular em individuações ainda não nomeadas pela régia ciência que, mais adiante, haveria de enclausurar boa parte das frequências sobre as quais trataremos nas sessões vindouras.

Se, por um lado, tornava-se duvidosa a histórica nomeação de Guglielmo Marconi como autor individual, por outro, pudemos perceber que desde as primeiras horas de sua invenção estavam já presentes muitas das virtualidades do rádio, tornando-se fundamental uma busca por inventores adjuntos que, por sua vez, levariam-nos necessariamente a assuntos correlatos, descortinando uma fascinante rede de pesquisadores a operar em diferentes dimensões.

Aparentemente, além de Tesla e Marconi, Thomas Edison, Landell de Moura, Friedrich Juergenson, Theo Locher, Maggy Harsch, Karl Goldstein, Sônia Rinaldi, Peter Bander, Sir Francis Burton e muitos outros estavam já conectados por um emaranhado de linhas, cujo princípio remontava a meados do século XIX. Portanto, tornava-se necessária alguma sistematização que pudesse esclarecer os principais ramais dessa rede. Assim, delinearam-se duas frentes simultâneas quando da formalização de nossa metodologia; a saber:

I) Revisão de toda literatura relativa ao modo operativo e trajetória dos autores arrolados à pesquisa;

II) Montagem e operação de aparelho baseado na patente nro. 645576, invento citado em escritos relativos às experiências narradas por Nikola Tesla ao longo de seu artigo “Talking With The Planets”.

Quanto a este segundo item, ressaltemos sua importância metodológica, haja visto que promove certa imprevisibilidade à pesquisa, determinando uma porta de entrada para dados atualmente indisponíveis em mídias impressas e nas demais formas de documentação às quais teríamos acesso. Procedamos portanto à leitura do referido artigo, tendo como intenção o esclarecimento de nosso interesse por tal:

I can never forget the first sensations I experienced when it dawned upon me that I had observed something possibly of incalculable consequences to mankind. I felt as though I were present at the birth of a new knowledge or the revelation of a great truth. Even now, at times, I can vividly recall the incident, and see my apparatus as though it were actually before me. My first observations positively terrified me, as there was present in them something mysterious, not to say supernatural, and I was alone in my laboratory at night; but at that time the idea of these disturbances being intelligently controlled signals did not yet present itself to me. / The changes I noted were taking place periodically, and with such a clear suggestion of number and order that they were not traceable to any cause then known to me. I was familiar, of course, with such electrical disturbances as are produced by the sun, Aurora Borealis and earth currents, and I was as sure as I could be of any fact that these variations were due to none of these causes. The nature of my experiments precluded the possibility of the changes being produced by atmospheric disturbances, as has been rashly asserted by some. It was some time afterward when the thought flashed upon my mind that the disturbances I had observed might be due to an intelligent control. Although I could not decipher their meaning, it was impossible for me to think of them as having been entirely accidental. The feeling is constantly growing on me that I had been the first to hear the greeting of one planet to another. A purpose was behind these electrical signals; and it was with

this conviction that I announced to the Red Cross Society, when it asked me to indicate one of the great possible achievements of the next hundred years, that it would probably be the confirmation and interpretation of this planetary challenge to us.

[TESLA, 1901, p.4].

Imaginamos desnecessários quaisquer comentários adicionais, dada a envergadura e seriedade próprias ao autor das últimas linhas. Entretanto, antes de passar adiante, sublinhemos - em atitude de proervação - as seguintes palavras: *“I could not decipher their meaning, it was impossible for me to think of them as having been entirely accidental”*.

2 - DISCUSSÃO

2.1 - des-Procusto

Se permanece a História seccionada por forças que dela excluem acontecimentos impróprios à lógica procustiana que oficiosamente a escreve, esforcemo-nos para seguir noutras direções, rumo a espaços mais amplos e idéias menos cristalizadas. Com isso em vista, retomemos o legado deixado por Roberto Landell de Moura (Porto Alegre, 1861 - Porto Alegre, 1928), inventor que, já em junho de 1900, demonstrara publicamente seus inventos em São Paulo, ocasião pela qual publicou-se a seguinte nota oficial no Jornal do Comércio:

No domingo próximo passado, no Alto de Sant'Anna, cidade de S. Paulo, o Padre Roberto Landell fez uma experiência particular com vários aparelhos de sua invenção. No intuito de demonstrar algumas leis por elle descobertas no estudo da propagação do som, da luz e da electricidade através do espaço, da terra e do meio aquoso as quaes foram coroadas de brilhante exito. / Esses aparelhos eminentemente praticos são como tantos corollarios deduzidos das leis supracitadas. / Assistirão á esta prova, entre outras pessoas, o Sr. P. C. P. Lupton, representante do Governo Britanico, e sua familia.

[FORNARI (1960) 1984, p.25].

Tem-se notícia de que os testes iniciais de Landell, realizados entre 1892 e 1893, precederam as primeiras transmissões radiotelegráficas de Guglielmo Marconi - realizadas em 1895 - e sabe-se que, conforme indica o artigo acima, sua apresentação oficial deu-se seis meses antes da primeira transmissão de áudio por Reginald Aubrey Fessenden (Quebec, 1866 - Bermudas, 1932) realizada só em dezembro de 1900 no Canadá. Entretanto, desde então, registrou-se oficialmente o nome de Fessenden como pioneiro máximo desse avanço e pouco se falou sobre o Padre Roberto Landell de Moura, permanecendo, ainda hoje, no campo das suposições o porquê da desatenção que lhe foi dedicada...

Pois bem, deve estar a acuidade do leitor já a propor hipóteses várias

em torno da questão. Entretanto, pedimos que guarde vosso interesse para o rico conteúdo a partir do qual pudemos humildemente elencar momentos específicos, diga-se de passagem, importantíssimos ao desenvolvimento de nossas posteriores linhas. Além disso, seria redundante qualquer investida de nossa parte no sentido de granjear os devidos louros ao singular Landell de Moura, haja visto, serem suficientes as inovadoras formulações que sua obra propôs e ainda propõe.

2.2 - notas landelianas

2.2.1 - intróito

Ao gentio que naquele 03 de junho de 1900 reunira-se em torno das demonstrações do Padre Landell foram apresentados vários aparelhos capazes de ligar o Alto de Santana à Avenida Paulista por transmissões de voz e sinais telegráficos; inventos surpreendentes que só podem ter derivado de um intelecto afeito aos experimentos levados a cabo por pesquisadores como aqueles citados na apresentação deste volume.

Imagina-se portanto que tal afecção pelo referido campo tenha surgido do contato de Landell com estudos sobre eletromagnetismo - à época bastante recentes - quando de sua estada em Roma, na qualidade de estudante da Universidade Gregoriana. Desdobraram-se seus estudos em deduções próprias que, já no início da década de 1890, postulavam para além das limitações técnicas então vigentes. Deu-se, portanto, durante o período em que permanecera em Campinas a explicitação destes três princípios fundamentais que ampararam as demonstrações apresentadas em meados do ano de 1900:

1º) “Todo movimento vibratório que até hoje, como no futuro, pode ser transmitido através de um condutor, poderá ser transmitido através de um feixe luminoso; e, por esse mesmo fato, poderá ser transmitido sem o concurso desse agente.”

2º) *“Todo movimento vibratório tende a transmitir-se na razão direta de sua intensidade, constância e uniformidade de seus movimentos ondulatórios, e na razão inversa dos obstáculos que se opuserem à sua marcha e produção.”*

3º) *“Dai-me um movimento vibratório tão extenso quanto a distância que nos separa desses outros mundos que rolam sobre nossa cabeça, ou sob nossos pés, e eu farei chegar minha voz até lá.”*

[LANDELL, apud FORNARI (1960), 1984, pp.41-42]

Parece-nos desnecessária qualquer explicação adicional acerca desses bem redigidos postulados, em cujas palavras ainda vibram sentidos mais amplos do que se pode ou pôde perceber a olhos nus. Prossigamos então valendo-nos das palavras registradas pelo próprio inventor em seu *“Caderno A”* - atividade que se dava de próprio punho, entremeada por desenhos de inventos e anotações cotidianas - o que, com alguma sorte, nos levará a uma breve imersão em seus pensamentos, conduzindo a entendimentos mais aprofundados nos serão úteis em relação aos planos subseqüentes.

2.2.2 - sobre o Elemento R

Como o urânio, o hélio, o rádio e tantos outros corpos radioativos, o elemento R, também ele, se mostra dotado de certas propriedades que nos inclinam a admitir que elas residem no átomo dos corpos que o revelam, como propriedades que lhe são inerentes.

Disse “dos corpos”, porque penso que ele se encontra em todos os corpos, conquanto não manifeste com igual intensidade as suas propriedades radioativas do elemento R. Encontrei-o pela primeira vez no corpo humano, e por muito tempo prosseguindo a minha pesquisa, com o fim de conhecer a sua natureza, tive, um dia, a feliz idéia de verificar se os corpos magnéticos naturais ou artificiais permanentes possuíam ou não o elemento R, pela analogia com o espectro magnético que me ofereciam estas radiografias que eu obtivera, mediante o elemento R. E tendo obtido de um electromagnético permanente em

forma de U e nas mesmas circunstâncias que obtivera o espectro do corpo humano semelhante ao do electromagnético, cheguei à conclusão que no corpo humano, como nos diamagnéticos, existia o elemento R, e que suas propriedades residiam no átomo do elemento R.

Daí cheguei a estas conclusões:

1ª – Que, como já disse, todos os fenômenos que se observam nos corpos diamagnéticos são devidos a esse elemento R;

2ª – que esse elemento R, tanto nos corpos inorgânicos como orgânicos, se transforma em energia magnética, elétrica, calorífica, luminosa, ondulatória e radiante;

3ª – que se não há atração ou repulsão entre os corpos diamagnéticos é devido a esses corpos se acharem em estado que impossibilita o fenômeno da coercibilidade. Os outros fenômenos, porém, de indução e de transformação de energia do elemento R em magnéticos, elétricos etc., podem se dar, como de fato se dão.

[LANDELL, apud FORNARI (1960), 1984, pp.126-127]

2.2.3 - o Perianto

“1 – Todo o corpo humano está como que envolvido de um elemento de forma vaporosa, mais ou menos densa, segundo a natureza ou o estado do indivíduo ou ambiente em que ele se acha. Esse elemento, quando adquire uma tensão capaz de vencer os obstáculos que se opõem à sua expansão, escoia do corpo humano sob forma de descargas disruptivas ou silenciosas, tal qual como sucede com a eletricidade. E os fenômenos que nestas ocasiões se dão, têm muita analogia com os elétricos estáticos e dinâmicos, com relação aos outros corpos semelhantes.

2 – Pelo que, cheguei à conclusão de que se trata de um fenômeno que constitui uma variedade dos fenômenos produzidos pela eletricidade ou pela causa da eletricidade, do calor, da luz etc.

3 – Em todo caso, para facilitar o estudo do elemento R que existe no

corpo humano, atribuo-o ao perianto, porque, como o seu nome está dizendo, ele é um efeito do elemento R, como a tensão elétrica é um efeito da eletricidade que se acumula em volta dos condutores.

4 – Não posso atribuí-lo à eletricidade existente no corpo humano, porque, como veremos em outros lugares, se de um lado oferece muita analogia com a eletricidade, por outro lado apresenta-se com certas e determinadas características que me obrigam a distingui-lo, ou dar-lhe nome de Perianto ao efeito e à causa o elemento R, isto é, da vida de relação entre o psiquismo superior e inferior.

5 – O perianto é por si invisível; mas, por intermediário de certas luzes, pode tornar-se visível, e até mesmo ser fotografado, se usarmos ou intercalarmos entre o corpo, cujo perianto estudamos, e a luz especial, uma plancha ou papel apropriado.

6 – Um pequeno animal, preferivelmente de pêlo curto, posto nestas circunstâncias e dentro de um tubo apropriado, se mediante uma máquina pneumática a mercúrio for se fazendo pouco a pouco o vácuo, ver-se-á, quando o animal permanecer quieto, em estado de agonia, que na plancha se desenhará, sob forma vaporosa, a figura do animal. Ver-se-á mais que, ao expirar o mesmo essa forma elevar-se-á na plancha.

7 – Poder-se-á ver também diretamente quando, mediante certas luzes, se puder conseguir o fenômeno da interferência dos raios. E há casos em que, quando a condensação se torna bem densa, com certas e determinadas luzes, removendo o animal, no lugar em que ele se achava permanecerá, por instantes, o seu perianto, formando um duo dele, que, não raras vezes, em vez de se apresentar sob a forma branca e vaporosa, se mostra compacto e colorido, com as cores naturais no animal, devido também à luz. O que prova que o perianto é devido a uma vibração de um elemento mais sutil que o ar.

8 – Do que acabamos de dizer, podemos tirar os seguintes corolários: 1º – que o perianto, em circunstâncias apropriadas, pode ser fotografado, justificando seu nome, isto é: coisa que envolve o corpo humano sob uma capa ou zona vaporosa, mais ou menos densa; 2º – que ele pode ser transportado da placa natural da retina para a de uma câmera fotográfica. E daí as seguintes conclusões: a) que no corpo humano existe um elemento que dá origem aos fenômenos do perianto e conseqüentes corolários; b) que pode ser fotografado direta ou indiretamente; c) que certas qualidades de luzes influem

para que ele possa ser fotografado, como também para que se torne visível a olhos nus; d) que ele pode, à semelhança de um duo do indivíduo, representá-lo sob formas unicamente vaporosas, ou também com cores naturais; e) que, se esse indivíduo estiver sob ação do hipnotismo ou de qualquer outro estado anormal capaz de mudar-lhe a personalidade, o seu perianto, neste caso, apresentará as feições da personalidade que ele supõe ser no momento; f) que, devido ao perianto, não repugna que, em certos estados anormais, o indivíduo possa apresentar o seu duo sob formas vaporosas mais ou menos condensadas e mais ou menos duráveis, consciente ou inconscientemente, como geralmente sucede, junto a si ou distanciado; g) que, segundo o grau de condensação, poderá tornar-se palpável ou resistente, simulando todos os fenômenos da vida psico-orgânico devido ao prolongamento dinâmico, não sendo o que ele então apresenta senão um reflexo do corpo do indivíduo que o produziu, de forma que se o indivíduo falar ou mover qualquer parte do corpo enquanto o seu perianto age aparentemente, este último deixará de agir incontinenti; h) que tanto os bons como os maus anjos podem dele se utilizar para simular os fenômenos da vida de relação, mas que neste caso (à exceção de um milagre) é que se verifica o que acima dissemos: quando o perianto, sob ação do bom ou do mau espírito, age, se o corpo do indivíduo que o produziu age, ele deixará incontinenti de agir, precisamente na forma que o indivíduo age; i) que, provavelmente, o fenômeno da bilocalização tem seu princípio na condensação do perianto, quando o fenômeno se opera naturalmente, muito embora por leis ainda não bem conhecidas. E muitos outros fenômenos como do hipnotismo, do magnetismo, do espiritismo, dos sonhos em ação, do sonambulismo etc.”

[LANDELL, apud FORNARI (1960), 1984, pp.127-129]

Pedimos licença ao leitor para indicar que a teorização acima tem estreita conexão com a “câmara bioeletrográfica” construída por Landell na primeira década do século XX, aliás, cujo pioneirismo fora muito bem descrito por Hamilton de Almeida:

Décadas antes dos cientistas soviéticos, considerados, oficialmente, os descobridores do efeito Kirlian, padre Landell realizou experiências sobre o fenômeno. O que a história diz é que, em 1939, dois técnicos em eletrônica, o casal soviético Semyon e Valentina Kirlian, inventaram um novo processo fotográfico denominado “fotografia

de campo radiante”. (...) De forma simplificada, a técnica Kirlian consiste em dirigir um campo elétrico de alta frequência, entre 75 mil e duzentos mil ciclos por segundo, através de um objeto a ser fotografado e da respectiva chapa fotográfica. Aparentemente, o campo elétrico faz irradiar um espécie de luminescência sobre a chapa. Os Kirlian perceberam, desde o início, que suas fotografias mostravam alguma forma de energia intimamente relacionada com a vida. (...) Há poucos anos descobriu-se que a fotografia Kirlian pode ser usada no diagnóstico precoce de muitas doenças, especialmente o câncer. As doenças causam mudanças de cor nos campos energéticos fotografados. O efeito Kirlian (efeito Landell?) aparece registrado em seus manuscritos sob o título ‘O perianto’(...) Padre Landell não ficou só na teoria. Ele conseguiu fotografar o efeito. E escreveu: “A radioatividade humana existe, como o amigo poderá verificar examinando estas radiografias produzidas pela radioatividade dos meus polegares.” (...) Ignácio Landell de Moura contou que, quando seu tio morreu, achou, nos seus pertences, “uma caixa cheia de coisas e uma porção de chapas fotográficas”. Mandou ampliar as fotos e viu “coisas misteriosas”, que não soube explicar o que era. Inocente, levou todo material a um padre que imediatamente o recolheu e nunca mais devolveu, alegando que aquilo poderia “comprometer a Igreja”.

[ALMEIDA, 1984, pp.67-69]

2.2.4 - estenicidade e eletricidade

Antes de proceder à leitura do próximo tópico, permita o leitor que façamos nova interrupção para precavê-lo diante ao fato de que o padre Landell escrevera sobre várias formas de energia, unindo frentes aparentemente separadas em suas pesquisas. Embora tal unicidade possa causar algum escândalo a nossos olhos, considere-se que, assim como Landell de Moura, outros pesquisadores de sua época também puderam produzir inventos e teorias alheios às barreiras acadêmico-científicas que só mais adiante seriam impostas, no mais das vezes como resultado de costumes e pressupostos culturais. Feita a observação, voltemos à leitura:

SOBRE A ANALOGIA EXISTENTE ENTRE A ESTENICIDADE, OU O ELEMENTO R E A ELETRICIDADE

1 – Como a eletricidade, a estenicidade acumula-se sempre na superfície do corpo humano. Como a eletricidade, a estenicidade nos corpos esféricos distribui-se homogeneamente por toda a superfície, e nos corpos de forma elipsóide ou oval acumula-se nas extremidades de diâmetro maior.

2 – Como a eletricidade, quanto mais alongado for o elipsóide maior será a quantidade de estenicidade acumulada nas extremidades de maior diâmetro, resultando, como sucede com a eletricidade, que, se o corpo estenizado terminar em ponta, como os da forma ovóide, a estenicidade adquirirá nela a tensão necessária para vencer a resistência do ar e escapar-se.

3 – Por isso, aproximando-se a mão desse ponto, logo a reconheceremos pela sensação de um sopro capaz de fazer oscilar o pêndulo estênico especialmente preparado para esse fim. E esse sopro – que por analogia chamei de vento estênico – é o resultado da repulsão que a estenicidade exerce sobre as moléculas do ar, carregado de igual estenicidade positiva ou negativa.

4 – E há indivíduos que, devido talvez a um fenômeno de interferência, vêem, no escuro e ainda em plena claridade, uma luz pálida ou colorida acompanhar o escoamento da estenicidade, ou melhor; a estenicidade escoar-se sob a forma visível de uma luz pálida ou colorida.

5 – Como a eletricidade, a estenicidade é retida à superfície dos corpos e não se irradia, como o calor, em virtude da pouca condutibilidade do ar seco.

6 – Isso levou-me a considerar o corpo humano revestido de uma camada de estenicidade que, como a eletricidade, sendo novamente acrescentada, se torna mais espessa ou mais densa – daí o ter-lhe eu dado, por analogia, o nome de espessura ou densidade estênica.

7 – Considerando-se – como se supõe em relação à eletricidade – que a estenicidade seja um fluido, cujas moléculas estão em um estado de contínuo movimento de repulsão, devemos admitir que, quando ela está acumulada no corpo humano, se esforce por abandoná-lo, o que

não consegue em virtude da resistência que o ar lhe oferece. A este fato, também por analogia, dei o nome de tensão estênica.

8 – A estenicidade, como a eletricidade, manifesta-se por efeitos mecânicos, físicos e químicos que ocorrem no corpo humano. É possível até que tenham uma e mesma origem, e que não sejam senão modalidades ou variedades de manifestação de uma mesma causa eficiente material, ainda não bem definida. Isto quanto à sua origem remota. Quanto à próxima de seus fenômenos, como a eletricidade, a estenicidade, nos efeitos mecânicos, se manifesta pelo atrito, a fricção, a pressão, a torção etc.

9 – Nos efeitos de origem física – pelo calor, a mudança de temperatura e o estado moral, físico e intelectual da pessoa.

10 – Nos efeitos químicos – e todas as reações que se dão no organismo humano, as quais constituem das mais copiosas fontes de estenicidade dinâmica.

11 – Por último, verificamos que, como a eletricidade, assim também a estenicidade manifesta os fenômenos ditos de atração e repulsão, e que, como na eletricidade, estão sujeitos às leis seguintes: 1º – As atrações e repulsões variam na razão inversa do quadrado das distâncias; 2º – as atrações e repulsões estênicas são proporcionadas às quantidades de estenicidade de que os corpos estão animados. (...)

SOBRE OS EFEITOS DA ESTENICIDADE À DISTÂNCIA

1 – Há muitos fenômenos que não encontrariam a sua explicação sem a existência desse elemento ainda não bem definido, a que dei o nome de estenicidade.

2 – É este elemento que, em certas circunstâncias, produz, no espaço ambiente, movimentos, perturbações idênticas às que lhe imprimem os fenômenos maximé psíquicos, devido às grandes ou intensas modificações da alma humana, modificações essas que se propagam ondulatoriamente através do mesmo elemento etéreo em que as ondulações elétricas ou magnéticas se propagam, as quais, encontrando um outro organismo em perfeito sincronismo com o que produziu tais ondulações, por um fenômeno de reversibilidade, se transformam nos mesmos fenômenos que ocasionaram tais modificações no elemento estênico. Tal qual como sucede com

uma máquina de projeção, a qual projeta na tela aquelas mesmas figuras que provocaram, através do raio luminoso, as vibrações correspondentes à figura que as produziu.

3 – Os fenômenos de telepatia, da visão a distância, como também o da transmissão do pensamento, isto é: dos movimentos correspondentes cerebrais sobre a ação do pensamento, têm neste elemento a sua origem.

[LANDELL, apud FORNARI (1960), 1984, pp.139-142]

2.2.5 - o Elemento Universal

Terminologias à parte, muitas das idéias de Landell encontram ressonância em teorizações ulteriores como, por exemplo, as do físico David Bohm. Este propusera, em 1980, que “*a matéria é como uma pequenina onda nesse tremendo oceano de energia, dotada de relativa estabilidade e caráter manifesto*”, enquanto aquele publicara, já em 1924, breve artigo veiculado pelo jornal “*Última Hora*” de Porto Alegre declarando que “*tudo quanto tem feito o autor destas linhas obedece às suas teorias sobre a unidade das forças e harmonias do universo, outrora muito combatida, porém hoje admitida por ele, e outros mais felizes conseguirão confirmá-la com os fatos*” [LANDELL, apud ALMEIDA, 1984, pp.73-75), relação de idéias que se confirma em postulados gravados no “*Caderno A*” sob o título “*O ELEMENTO UNIVERSAL*”, das quais reproduzimos pequeno excerto:

“1 – Tenho-me ocupado por várias vezes desse elemento, principalmente quando falei sobre o radium. Mas só agora procurei defini-lo.

2 – Esse elemento a que me reporto não é, como talvez supõem os que me lêem, o éter. Este, conquanto muito se pareça com ele pela sua subtilidade ou iminente fluidez ou estado de desagregação, todavia, difere muito do elemento universal de que falo, sobretudo quanto

ao seu estado de fluidez ou desagregação. Se afirmarmos que o éter constitui a partícula mais pequena a que se pode reduzir a matéria, tal afirmação é apenas relativa aos meios que possuímos; quanto ao elemento universal, este sim, constitui a extrema divisão a que se pode realmente reduzir a matéria.

3 – Assim é que afirmamos: 1º – que esse elemento universal, ou melhor: que as partículas que o constituem são, por sua natureza insecável, absolutamente indivisíveis; 2º – que o elemento universal, conquanto material, é um corpo simples, porque não compõe de outras partículas; 3º – que por isso mesmo não tem extensão, propriamente falando; 4º – que é o átomo-suporte em que reside aquilo por que os corpos são o que são e se diferenciam uns dos outros; 5º – que é idêntico em todos os corpos, variando somente devido a sua interna estrutura nos corpos, dos quais ele é a célula-mãe onde reside o protoplasma, ou aquilo em virtude do que os corpos são o que são, segundo as leis secundárias que regem o universo; 6º – que as mesmas leis que regem a composição e decomposição dos átomos e moléculas que ele define na categoria dos corpos simples e compostos, seja quanto às suas qualidades, seja quanto às suas propriedades físicas, químicas, biológicas; 7º – que é esse o elemento sobre o qual atuam os agentes físicos, químicos ou biológicos, dando, sob sua ação, origem ao mineral, ao vegetal e ao animal.

4 – E o que se opera nesse microcosmo, em escala sempre crescente opera-se e observa-se em todos os corpos, desde os mais simples e rudimentares até aos mais complexos, desde os mais pequenos e imperceptíveis à vista aos maiores e gigantescos, tais como os que flutuam nos espaços, em volta de nós.

5 – De maneira que podemos afirmar, sem temor de erro, que há no mundo somente duas coisas que realmente são indestrutíveis: o átomo-suporte primário, ou substancial, da forma substancial, ou primária, o qual serve de suporte à matéria-suporte, e a forma primária, ou substancial, dos corpos.

[LANDELL, apud FORNARI (1960), 1984, pp.146-148]

2.2.6 - dois fragmentos

Inventos e teorias presentes em documentos incompletos - alguns parcialmente destruídos, outros com páginas faltantes - encontram-se aos montes em meio às anotações de Landell de Moura. Entretanto, por esforço de alguns daqueles que tiveram acesso aos escritos originais do inventor, parte desses trabalhos pôde ser resgatada a partir de relatos e esparsos fragmentos. Indicando extensa pesquisa, dois impressionantes inventos landelianos foram trazidos de volta à luz por Hamilton de Almeida em 1984: o “Telephotorama” e um sugestivo telecomunicador, cujo título permanece oculto.

2.2.6.1 - ‘The Telephotorama’

Outros desenhos chamaram logo a atenção. Num, estava gravado: “The Telephotorama ou A visão a distância”. Data: vinte de agosto de 1904 - portanto quando padre Landell ainda estava nos Estados Unidos. O material foi analisado pelos engenheiros da Telebrás, e mereceu um parecer técnico, com uma conclusão surpreendente: padre Landell foi um dos pioneiros no desenvolvimento da televisão. (...) Outra elucubração do gênio inventivo: em entrevista concedida ao jornal ‘Última Hora’, de Porto Alegre, de treze de novembro de 1924, padre Landell falou da idéia de criação de um campo ondulatório através do espaço onde baseou a possibilidade de transmitir a imagem a grandes distâncias. E era nesse mesmo princípio que ele admitia “igualmente, a possibilidade de transmitir as vibrações correspondentes ao logus, ou verbo mental, assim como hoje se transmitem as vibrações correspondentes à palavra articulada”.

[ALMEIDA, 1984, pp.60-62]

2.2.6.2 - ‘senza titolo’

Certa vez, Berti e outro coroinha conseguiram entrar no seu quarto. Eles estavam brincando, viram uma ‘caixinha’ com uns fios e começaram a mexer num botão. De repente, a ‘caixinha’ falou alguma coisa em italiano (assim Berti se recordou) e Padre Landell chegou, bravo:

-O que vocês estão reinando aí? Vocês estão falando com Marconi.

E Berti, que nunca ouvira falar em Marconi, saiu sem entender nada. “A caixinha” prosseguiu, “deveria ter uns vinte centímetros de largura por dez de altura, e ele, quase sempre, a mantinha em seu bolso. Andando na rua, às vezes parava e começava a se comunicar com a ‘caixinha’, e por isso diziam que ele era louco.

“Nas missas, Padre Landell levava a caixinha para o altar e a colocava próximo ao cálice. A um sinal vindo de dentro da ‘caixinha’ Padre Landell parava a missa e começava a falar em italiano com aquele objeto estranho, que respondia bem baixo”. O coroinha, ao lado dele, tudo presenciava.³

[BERTI (1976), apud ALMEIDA, 1984, pp.49-50]

2.3 - chamadas em espera

Continuaremos nesta seção - à guisa duma arqueologia das primeiras radiotransmissões - calcados em fragmentos a partir dos quais tentaremos reconstruir um cenário mental deste período que se estende dos anos 1920 aos 1950. Infelizmente, bem menos documentados que os períodos anterior e posterior, estes quase quarenta anos de experimentações já voltadas aos contatos interdimensionais passaram quase despercebidos aos olhos da história. Entretanto, os poucos registros aos quais se tem acesso constituem panorama gradual do processo sobre o qual miraremos daqui por diante.

3) Benedicto Olegário Berti, fora coroinha em Mogi das Cruzes em 1906 aos 11 anos.

2.3.1 - Augusto de Oliveira Cambraia

Embora situado mais ao primeiro que ao segundo período acima citados, este pesquisador representa importante registro para nossa trilha. Extraído do livro “*Transcomunicação Instrumental*” de Sonia Rinaldi, o relato a seguir indica claramente a natureza pioneira desse pesquisador:

Concomitantemente às agruras do gênio Landell, alguém mais cogita da possibilidade de se contactar os mortos por aparelhos. Augusto de Oliveira Cambraia, português radicado no Rio de Janeiro. Em 1909 chegou a construir um equipamento, que ele denominou Telégrafo Vocativo Cambraia, tendo inclusive obtido a patente, conforme registro no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

O curioso é que para se obter uma patente, é necessário arrolar a descrição do produto. No caso, foi assim que Augusto Oliveira Cambraia o fez: “(o aparelho) destina-se à transmissão de correspondência universal, sendo feito com espíritos iluminados. Serve para obter da falange de espíritos a correspondência para o engrandecimento moral e espiritual do Planeta Terra.”

Não existe nenhuma referência quanto aos resultados de seu equipamento, porém sabemos que no período inicial da evolução da Transcomunicação, mais do que um aparelho, era requerida também uma energia especial, própria de médiuns de efeitos físicos. Desconhecendo se Cambraia possuía ou não tais habilidades, é impossível saber se obteve sucesso ou não com o seu Telégrafo Vocativo. Esse tipo de energia ainda foi requerida por várias décadas à frente, vindo a se tornar dispensável só nos anos 90.

[RINALDI, 1997, p.11]

2.3.2 - Thomas Alva Edison

Correram no ano de 1920 em jornais de diversos países informações sobre um novo projeto que, como descrito na manchete da ‘*American Magazine*’ de

outubro daquele ano, indicava estar “*Edison Trabalhando para Comunicar-se com Outro Mundo*”. Certamente, muitas das notícias versavam em tom sensacionalista, aumentando ou distorcendo os fatos, todavia, da entrevista oficial concedida pelo inventor, publicada aos 30 de outubro de 1920 no periódico ‘*Scientific American*’, pode-se depreender declarações bastante claras acerca dos princípios envolvidos na pesquisa em questão:

Se nossa personalidade sobrevive, então é estritamente lógico e científico presumir que ela retém a memória, o intelecto e outras faculdades e conhecimentos que adquirimos nessa terra. Portanto, se a personalidade existe depois daquilo que chamamos morte, é razoável concluir que aqueles que abandonam esta terra gostariam de comunicar-se com aqueles que aqui deixaram. (...) se este raciocínio está correto, então, se pudermos produzir um aparelho tão delicado, que possa ser afetado, ou movido, ou manipulado (...) por nossa personalidade, tal como ela sobrevive na vida que vem a seguir, tal instrumento, quando estiver à nossa disposição, deverá registrar alguma coisa.

[EDISON (1920), apud NUNES, 1990, p.30]

Imagina-se que tal pesquisa tenha transcorrido em silêncio para evitar propaganda negativa à companhia de Edison, pois, inventos muito mais factíveis e perfeitamente demonstráveis já haviam resultado em ataques contra o inventor como, por exemplo, descreve este trecho da obra de Camille Flammarion:

Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia de Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Edison à douta assembléia. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu cilindro. Viu-se então um acadêmico de idade madura, de espírito compenetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Edison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando: “Miserável! Nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!”

Senhor Bouillaud, chamava-se este membro do Instituto. Foi isso a

11 de março de 1878. Mais curioso, ainda, é que seis meses após, a 30 de setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constataria no caso mais do que simples ventriloquia, mesmo porque “não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho da fonação humana”. Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma ilusão de acústica.

[FLAMARRION (1954), apud GOLDSTEIN, 1992, pp.31-32]

Em relação às idéias externadas na entrevista à ‘*Scientific American*’, sabe-se apenas que Edison, num artigo publicado em 1926 no ‘*New York Times*’, posteriormente negara as declarações de 1920 e que nunca foram divulgados resultados positivos sobre a pesquisa supracitada.

2.3.3 - Oscar D’Argonnel

As pesquisas de D’Argonnel, desenvolvidas entre os anos 1910 e 1920 no Rio de Janeiro, resultaram no mais antigo registro de contato interdimensional por vias eletrônicas claramente documentado. O carioca Oscar D’Argonnel publicou em 1925 um pequeno volume intitulado “*Vozes do Além pelo Telefone*”, narrando os contatos telefônicos que recebera e também esquemas, diagramas e dados técnicos dos aparelhos empregados nos experimentos.

Segundo Sonia Rinaldi [RINALDI, 1997, pp.12-15], os registros de D’Argonnel deixam claro que “*esses contatos eram possíveis mediante a cooperação energética de dois médiuns: seu irmão e seu sobrinho*”, marcando a existência, naquele caso, de uma comunicação interdimensional de natureza mista, entre a Transcomunicação Mediúnica (TCM) e a Transcomunicação Instrumental (TCI). “*Seu comunicante do Lado de Lá tinha o nome de padre Manoel (que informava trabalhar com grande equipe de espíritos aqui na Terra), e seus contatos telefônicos estabeleceram forte amizade entre ambos no decorrer dos anos*”.

Estava D'Argonnel ao telefone de sua casa, conversando com a entidade padre Manoel, quando o primeiro reclama da falta de clareza da ligação. Padre Manoel, então, liga simultaneamente para o telefone do sobrinho do interlocutor “a fim de haurir forças”, conforme explicou. Logo após um ruído, D'Argonnel ouve a voz de seu sobrinho, estabelecendo uma conversa a três. O padre diz pelo telefone: “Está vendo como minha voz está boa agora ?”.

Em outro diálogo, verifica-se o teor das conversas:

(OD) Como você se chama ?

(voz) Manoel dos Santos Silva.

(OD) De onde você está falando?

(voz) Da caixa de distribuição da Praia de Botafogo...

(OD) Ninguém ai ouve a voz?

(voz) Ninguém.

Mas D'Argonnel não se dera por convencido de imediato e realizara testes necessários à comprovação do caráter interdimensional dos contatos que recebia. Após a participação numa reunião do Grupo Espírita Experimental, o pesquisador pedira à entidade Padre Manoel dos Santos Silva que *“exatamente no momento em que ele chegasse de retorno à sua casa, logo o telefone tocasse e que o comunicante dissesse algo estranho como: quantos pães comeu o rei? Em seguida, que a entidade declinasse todos os nomes dos membros daquele grupo e mais o da dona da casa”*.

Dito e feito, *“por mais que desse voltas, exatamente no momento em que abriu a porta de casa, tocou o telefone. Ao retirar do gancho ouviu: “Sou eu. Quantos pães comeu o rei?”*. Depois disso, D'Argonnel admitiu para si mesmo a autenticidade dos contatos, concluindo, bem humorado, *“-Agora temos que os padres venham a querer exorcizar os telefones!!!”*

2.3.4 - Coelho Neto

Totalmente contrário à crescente doutrina kardecista, o escritor Coelho Neto, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, passou nos anos 1920 por experiências muito similares às de Oscar D'Argonnel e, embora totalmente cético em relação ao assunto, teve, da imanência dos fatos que o arrebatarem, estímulo necessário à publicação da seguinte declaração em forma de artigo no Jornal do Brasil:

Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa doutrina, hoje triunfante, não teve, entre nós, adversário mais intransigente e cruel do que eu. (...) Minha estrada de Damasco foi meu escritório (...) onde soou uma voz do além, voz amada, cujo eco não morre no meu coração (...) Ouvi minha própria neta. Reconheci-lhe a voz, a doce voz que era a música de minha casa. Mas não foi só a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ela dizia. Ainda que duvidasse, com toda a minha incredulidade, haveria de convencer-me, tais eram as referências a pequenina voz do Além fazia a fatos da vida que conosco vivera. Ouvi toda a conversa e compreendi que estamos nos aproximando da Grande Era. O finito defronta o infinito... onde a que ficou já não sofre como antes sofria, porque o que era antes “esperança” tornou-se certeza...

(Jornal do Brasil, artigo de Coelho Neto, em 1923, sob o título Conversão).

Não se sabe quais técnicos invisíveis colaboraram nessa comunicação, entretanto, podemos supô-la idêntica àquela da “caixa de distribuição da Praia de Botafogo”. Vê-se aqui um acontecimento, muito provavelmente, de intenções direcionadas a efeitos estratégicos para a alteração dos modos sob os quais percebemos as virtualidades dos meios de comunicação.

2.3.5 - Próspero Lapagesse

No ano de 1933 publicou-se na Revista Internacional de Espiritismo, descrição e diagrama da construção de um aparelho, que o autor chamara de “Aparelho Mediúnico Elétrico”. Próspero Lapagesse, catarinense, expunha então seu projeto em detalhes técnicos, cujo teor deixava claros seus objetivos:

Sirvo-me da presente para levar ao vosso conhecimento (...) que depois de detidas investigações (...) cheguei à conclusão da construção de um aparelho eléctrico para substituir o médium, pois tenho observado, contra minha vontade, falhas em comunicações espíritas, atribuindo-as ao médium, que por cansaço ou própria interferência é a causa de tão desagradáveis falhas. / O “schema” anexo substituirá vantajosamente o médium, pois nunca se cansaria. Além disso, seria a maior prova da Verdade espírita, pois onde quer que houvesse corrente eléctrica, teríamos as comunicações com nossos queridos falecidos desafiando qualquer exame.

Além de possibilitar contatos interdimensionais em áudio, o aparelho possibilitaria a comunicação por imagens fotográficas e radiográficas; um projeto audacioso, mas nunca concretizado. Segundo Sonia Rinaldi, “(Lapagesse) foi duramente criticado até abandonar seus projetos e, decepcionado, retirar-se do meio espírita” - ao que adiciona - “talvez, se tivesse tido a chance, quem sabe o Brasil não precisaria ter aguardado mais 20 anos para ver florescer na Europa o mesmo plano” [RINALDI, 1997, pp.17-18].

2.3.6 - Attila Von Szalay

Entre os anos 1930 e 1970, o fotógrafo novaiorquino Attila Von Szalay desenvolvera pesquisas em torno da aquisição de contatos interdimensionais, inicialmente sozinho e depois em conjunto com Raymond Bayless (a partir dos anos 1950) e Dr. Scott Rogo (dos anos 1960 em diante).

Szalay conseguira captar em 1936 contatos de qualidade rudimentar através de um gravador de discos Packard Bell a agulha e, a partir de 1947, captara com maior clareza alguns contatos através de um gravador de fios Sears Roebuck. Mas fora dos anos 1950 em diante que, empregando gravadores de fita magnética, conseguira contatos inteiramente claros e dera início à divulgação de suas pesquisas junto a Raymond Bayless, com quem publicara um artigo no periódico '*Journal of the American Society for Psychical Research*' em 1959.

Já nos anos 1960, trabalhando em conjunto com Dr. Scott Rogo, Bayless e Szalay concluíram que as gravações teriam origem acústica e não eletrônica, sendo resultantes de efeitos produzidos por faculdades mediúnicas de Attila Von Szalay. Portanto, como bem aponta o Dr. Hernani Guimarães [1996, p.218], os contatos por meios eletrônicos de fato iniciam-se somente quando dos achados de Friedrich Jürgenson, assunto que será abordado em detalhes ao longo da seção seguinte.

2.4 - *Electronic Voice Phenomenon* (EVP)

Este campo de pesquisa inaugurado pelos trabalhos de Friedrich Jürgenson (Odessa, 1903 - Estocolmo, 1987) permanece ainda controverso apesar das evidências já registradas em forma de gravação sonora e mesmo após a condecoração de Jürgenson com a Comenda da Ordem de São Gregório, o Grande, recebida em 1969 diretamente das mãos do Papa Paulo VI como forma de reconhecimento da autenticidade das vozes recebidas via EVP.

Portanto, estando o assunto ainda sob ataque, evitaremos narrativas secundárias que possam suscitar críticas desnecessárias. Dessa forma, as páginas seguintes apresentam majoritariamente palavras do próprio Jürgenson, publicadas em sua célebre obra, "Telefone para o Além", originalmente editada em alemão sob

o título ‘*Sprechfunk Mit Verstorbenen*’. Adicionaremos, entretanto, algumas informações biográficas que poderão auxiliar na leitura que se aproxima.

Jürgenson, nascido em território à época pertencente ao Império Russo, partira ainda criança para a Estônia, de onde se mudara quando jovem para Berlim e em seguida para a Palestina. Alguns anos depois, fixara residência em Milão mas, devido à Segunda Guerra Mundial, transferira-se para Estocolmo, onde passaria a maior parte de sua vida a partir de então. Formado em Canto Lírico e Belas Artes, dedicara-se ao canto operístico por breve período e à pintura durante toda a vida, tendo também - mais esporadicamente - direcionado seus talentos a produções cinematográficas de teor documental. Das itinerâncias às quais fora forçado e da formação musical erudita, Jürgenson ganhara fluência em muitas línguas (russo, sueco, dinamarquês, alemão, iídiche, italiano e inglês) e apurada audição, qualidades estas que o tornaram extremamente gabaritado para a pesquisa do EVP (fenômeno geralmente constituído por contatos truncados, realizados em diversos idiomas e entonações de difícil compreensão).

2.4.1 - achado inesperado

Mais uma vez chegou a primavera em Estocolmo, aquela primavera tímida de cidade grande, que se pode reconhecer pela sempre crescente luz do dia e pela extinção cada vez mais lenta do rubor crepuscular do céu noturno. Aproximava-se o tempo em que eu deveria tomar parte nas escavações de Pompéia.

Naquela primavera resolvemos, minha mulher e eu, passar o fim-de-semana no campo. O tempo estava morno, com um sol resplandecente. O jardim, todo florido, espargia perfume, e desde o amanhecer até o anoitecer ouvia-se o canto dos pássaros. Na sexta-feira do dia 12 de junho de 1959, logo no início da tarde, partimos para o campo. Com a intenção de gravar o canto de diversos pássaros, levei, pela primeira vez, o meu gravador de som. (...) No sótão da cabana, que ficava um tanto afastada, coloquei uma fita magnética nova no gravador e pus

o microfone perto da janela aberta, onde se estendia uma fina tela de 'nylon'. Pouco depois, quando um tentilhão de faia pousou ali perto, liguei o aparelho.

Depois que a fita magnética rodou por uns cinco minutos, examinei a gravação. Mas aquilo que escutei era extremamente estranho. Em verdade, ouvi um som vibrante e ruidoso, tal uma tormenta, através do qual pude reconhecer, como de uma distância longínqua, o chilro baixinho do tentilhão.

Meu primeiro pensamento foi de que, provavelmente, um dos tubos teria sido danificado durante o transporte. Não obstante, liguei novamente o aparelho e deixei rodar a fita. Tudo se repetiu exatamente como antes: ouvi aquele estranho zunido e o distante chilrear dos pássaros. Então, de chofre, soou um solo de clarim, que executava uma espécie de toque de introdução. Atônito, continuei a escuta, quando, repentinamente, uma voz de homem começou a falar em norueguês. Se bem que a voz soasse baixinho, pude entender nitidamente as palavras. O homem se referia a “vozes de pássaros noturnos”, e eu percebia uma seqüência de sons grasnantes, sibilantes, murmurantes, entre os quais julguei reconhecer o canto de um alcaravão. / Súbito, emudeceu o coro de pássaros e com ele o ruído vibrátil. A seguir, soou o alto gorjeio de um tentilhão de faia e, à distância, ouvia-se o canto dos milharoses. O aparelho funcionava outra vez perfeitamente.

Mas, na realidade, o que ocorrera? Para mim era um fato evidente tratar-se da irradiação de alguma emissora norueguesa.(...)

Claro é que, em certas circunstâncias, um gravador de som pode funcionar como radiorreceptor. Mas parecia-me esquisito que, justamente a mim, que estava a procura de cantos de pássaros, soassem na fita magnética o pio de aves noturnas norueguesas, no momento exato em liguei o aparelho!

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.6-8]

2.4.2 - o fenômeno se repete

Num dos dias seguintes, por volta das 22 horas estava diante do gravador de som, ligando e desligando quando, subitamente, percebi aquele som ruidoso que já me era tão familiar. Colocara os fones auriculares e escutava vozes e ruídos a princípio fracos, mas que pouco a pouco começaram a se desdobrar, numa daquelas irradiações especiais de inteligência desconhecidas e invisíveis. Percebia vozes, sons, música, comentários, até que ouvi tocar o telefone na sala do andar térreo, o que bruscamente me trouxe à realidade. Aborrecido, tirei os fones, deixei o aparelho ligado continuando a gravação e desci a passos largos a escada, seguido de perto por Carino, o nosso cão.

Era a minha mulher que me telefonara. Falei-lhe rapidamente da gravação que estava fazendo no momento. Ela queria saber pormenores e fazia perguntas. Mas eu tinha a impressão de estar sentado sobre agulhas, inquieto e receoso de que a gravação pudesse repentinamente ser interrompida. A certa altura, minha atenção foi desviada para o estranho comportamento de Carino que, de súbito, contrariamente a seus hábitos, havia-se retirado de mansinho da sala, disparando escada acima. Após alguns instantes, no quarto situado acima da sala onde eu me encontrava, pôs-se a fazer ruídos com a cadeira colocada à frente do aparelho. Todos esses ruídos, naturalmente, deveriam ser gravados na fita. Desliguei rapidamente o telefone e subi preocupado a escada, de volta ao sótão. Carino estava sentado na cadeira, abanando alegremente a cauda. Levei-o dali para a cama, coloquei os fones auriculares e, atentamente, comecei a auscultar. As interferências aumentaram de volume, e percebi apenas alguns fragmentos de palavras confusas - e a irradiação parou.

O que descrevo agora, descobri-o somente mais tarde, após várias auscultações da fita magnética. Houve dois toques de timbales, depois uma voz oprimida de homem disse: "Telefone, Mônica." Continuei a escutar concentradamente. Seguiu-se o momento em que tocou o telefone e eu tirei ruidosamente os fones auriculares. Assim que os coloquei na mesa, a irradiação foi bruscamente interrompida. Escuta-se então o barulho que fiz ao sair correndo do quarto. O telefone toca mais uma vez, percebe-se o rumor de uma porta fechando-se e depois silêncio total.

Da minha conversa no telefone na sala do andar térreo não se

ouve nada. Escuta-se apenas o leve ruído de rotação da fita. Minha conversa com Mônica deve ter durado cerca de seis minutos. Em seguida, ouve-se o ruído de minha entrada no quarto e da colocação dos fones auriculares. Simultaneamente intercala-se novamente aquele som ruidoso vibrante; a irradiação continua, sem nada apresentar de compreensível. Finalmente, desaparece o som ruidoso, e eu desligo o aparelho.

Mais tarde ocorreu-me a idéia de escutar o que se passara durante os seis minutos em que falei com minha mulher na telefone, embora, como já disse, no momento em que tirei os fones auriculares, o som desaparecera, o que me fez deduzir que a irradiação fora interrompida. Não obstante, escutei também essa parte da fita magnética. A princípio ouvi um som muito alto, que interpretei como a expressão “Carino”.

- Involuntariamente, lembrei-me do estranho comportamento de Carino e então tornei a examinar atentamente a fita.

Depois da palavra “Carino” em tiple agudo, reinou completo silêncio durante dois minutos, exatamente. Então uma agradável voz masculina começou a cantar baixinho - aliás, sem palavras - a primeira estrofe de ‘Volare’, uma canção italiana muito conhecida. “Muito a propósito” - pensei comigo - “pois se alguém pode voar, devem ser vocês, meus amigos invisíveis”.

“Ah, Carino!” murmurou repentinamente uma voz de homem, e logo a seguir se ouve Carino subir a escada. O ruído de suas patas torna-se cada vez mais intenso e no momento seguinte Carino abre a porta encostada.

“Carino - d’Ammannzio - tu me escutas?”, pergunta uma amável voz de homem a meio tom. O cão pula sobre a cadeira, que bamboleia com estrépito.

“Carino, aqui está o aparelho”, a voz ressoou novamente no silêncio do quarto e então se ouve nitidamente a pergunta: “Carino, tu me conheces?”

Como resposta, Carino pôs-se a fungar, como se quisesse umedecer a garganta.

O diálogo não pôde prosseguir, pois nesse instante eu subia a escada ruidosamente, e abrindo precipitadamente a porta corria em direção à mesa, pondo Carino sobre a cama e colocando os fones nos ouvidos. Logo se fez ouvir o som ruidoso. (...)

Considereei esta prova como um grande progresso, e perguntava a mim mesmo se a gravação, tão nítida, teria alguma relação com as reações magnéticas da lua cheia.

Ao fazer um retrospecto das ocorrências daquele verão e outono de 1959, levando em consideração o espaço de oito anos e tentando precisar bem o meu estado de alma naquele tempo, devo reconhecer que eu me havia transformado interiormente em um gigantesco ponto de interrogação e que todos os meus sentidos e aspirações visavam unicamente a encontrar uma explicação para os fenômenos que se manifestavam dentro de mim e ao meu redor. (...) Creio que tal acontecimento, na forma que se processou, é absolutamente novo na história da humanidade.

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.14-20]

2.4.3 - interrupção; é preciso ponderar sobre a pertinência da pesquisa

Confesso sinceramente que é difícil descrever fatos revolucionários desse tipo, e mais difícil ainda é vivê-los. Por mais interessantes e fantásticos que sejam, estão sujeitos, na realidade, a se transformar numa viva cabeça de ponte, já que se trata de uma experiência só realizável com necessário discernimento e força psíquica.(...) Em verdade, cheguei à conclusão de que as maiores dificuldades e obstáculos encontram-se dentro de nós mesmos e de que as tentativas de aproximação providas de uma oculta dimensão de existência não seriam realizáveis sem a remoção desses obstáculos e embaraços; ao contrário, conduzir-nos-iam, inevitavelmente, a novos equívocos.

Lembro-me ainda de que, sentindo-me saturado de tudo e colocando o dedo na tecla para desligar o gravador de som, ouvi nitidamente as palavras: Bitte warten warten - hör uns an... (Peço esperar, esperar - escuta-nos...), pronunciadas por voz de homem. Mas não esperei, nem quis ouvir mais nada. Coloquei a tampa no aparelho, juntei as fitas

magnéticas e estava firmemente decidido a acabar, uma vez por todas, com essa “tolice”. (...) Passei a ter uma invencível antipatia contra tudo que se relacionasse com gravação de sons e, além disso, nem sequer conseguia auscultar as fitas magnéticas gravadas, a fim de submetê-las a um exame mais sério. Não tinha mais qualquer dúvida de que, no tocante aos fenômenos das fitas magnéticas, tratava-se de ocorrências superfísicas e parapsíquicas, que só podiam ser investigadas de maneira prudente e com imparcialidade, sem idéia preconcebida.

Passou-se o mês de outubro. Meu gravador continuava abandonado debaixo da escrivaninha. Então aconteceu algo que me encheu de assombro e inquietação. Tudo começou naquele dia em que se tornaram audíveis ao meu redor estranhos fenômenos sonoros. Certa hora, por exemplo, quando estava sentado no meu estúdio escutando o rumor da chuva, pude distinguir nitidamente exclamações breves, palavras inteiras e truncadas, as vezes frases mais longas, vindas da chuva lá fora e que, indubitavelmente, eram sussurradas pela voz de alguma mulher. As frases com frequência repetiam-se, sendo proferidas ora em alemão ou em sueco, e diziam mais ou menos o seguinte: Kontakt halten! Mit dem Apparat Kontakt halten - bitte hören - tag kontakt med apparaten - bitte, bitte horen!... {Manter contato! Com aparelho, manter contato. Favor ouvir (sueco: tag kontakt med apparaten), favor, favor ouvir!..} Essas palavras poderiam confundir-se com a crepitação do forno ou com o rugitar do papel. Não havia dúvida de que se tratava de um verdadeiro fenômeno acústico, e não de imaginação, pois reconheci imediatamente a inflexão e característica da voz feminina que frequentemente se fizera ouvir nas gravações anteriores. Apesar de tudo, isto me inquietava, e eu resistia a esses contatos importunos que p.30 me despertavam imagens lendárias e históricas de assombração. Ademais, pensava nos sintomas de esquizofrenia (personalidade múltipla), em que é típica a audição de vozes de seres invisíveis. Esta particularidade provocou-me um grande mal-estar, e embora me sentisse perfeitamente saudável e normal, a dúvida deixou um afiado “espinho” dentro de mim.

Não me satisfaziam os esclarecimentos fornecidos em tais circunstâncias, por parapsicólogos, espiritualistas, ocultistas, ufólogos e sabe Deus quantos outros “istas”, pois queria saber tudo com exatidão, queria convencer-me por experiência própria, e não apenas contentar-me com explicações alheias. Com o decorrer do tempo, tornei-me mais tranqüilo mas não vencera ainda a minha

aversão ao gravador de som. (...) Então aconteceu algo que antes nunca havia acontecido: ouvi claramente a voz amortecida de um homem falar a uns três metros de distância. Dizia em alemão: Hör mich an, nimm Teil an der Arbeit... (Escuta-me: toma parte no trabalho...)

Minha respiração parou. Ao mesmo tempo, senti um toque gélido no diafragma. Com um salto, pus-me de pé, abri rapidamente a janela e comecei a respirar profundamente o ar frio do inverno. / Aquilo foi um choque para mim, mas foi também um alívio libertador. Esse contato - o mais impetuoso de todos - chegara no momento exato. / Hör mich an, nimm Teil an der Arbeit... Não era isso um apelo para que eu continuasse a prestar a minha colaboração? Nesse momento tive plena consciência de que os contatos, iniciados há um ano, não deviam ter sido interrompidos, pois o fato era evidentemente mais sério e importante do que fora possível compreender até então.

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.21-34]

2.4.4 - repetições em forma de experimento

Ao ouvir as vozes em alemão, um dos cientistas observou que, decerto, algum radioamador estava brincando comigo.

- Bem, isso é bem verdade - concordei. - Mas os radioamadores deviam ser videntes, para poderem aproveitar o momento exato em que eu ligava o gravador de som. (...)

Como sempre, perdurava o meu amor à arte, e eu perguntava a mim mesmo, com o coração oprimido, se teria sido justo abandonar a pintura, atividade criadora a que antes dedicara toda a minha vida. A circunstância de ter abandonado a pintura numa época em que começava a colher a alegria do triunfo pouco me afetava. / O que me doía era a lembrança de Pompéia, onde deveria ter realizado um trabalho extraordinário. / Ao invés disso, estava aqui sentado em Estocolmo, às voltas com um quebra-cabeças e esforçando-me desesperadamente para agrupar num quadro nítido todos esses inúmeros fragmentos.

Não obstante, jamais um assunto me impressionara e prendera tão profundamente como esses contatos (...) Sob a luz tranqüila da razão pura e simples, o Todo se afigurava uma lenda fantástica impregnada de excentricidade. Mas as lendas e castelos no ar nada significam diante da dura realidade. A razão e o bom senso exigem - e acertadamente - fatos, coisas palpáveis, mensuráveis, que possam ser captados por nossos sentidos e devidamente analisados. Uma pedra, uma gota d'água, um átomo invisível e também uma fórmula matemática abstrata são assimiláveis pelo espírito humano, por mais complexos que sejam. A razão é nossa norma e também o limite que não deve ser ultrapassado. É claro que os meus contatos pelo rádio e pela fita magnética com os habitantes de um mundo invisível poderiam parecer ilusórios e lendários, se não existissem as respectivas gravações.

Para minha imensa alegria e alívio, estão diante de mim fitas magnéticas palpáveis e reais(...) a prova incontestável da realidade de um mundo e de um plano de existência extraterrenos. O Todo manifestava-se de modo novo e original, indo muito além, em sua importância, de todos os meus desejos pessoais e expectativas. / As ocorrências repetiam-se diariamente e, aos poucos, iam esboçando contornos mais nítidos, que revelavam a força explosiva da pura verdade baseada em fatos. (...) Eis as razões por que não poderia haver nenhum recuo para mim, apesar de todos os quadros que não pintei e das escavações perdidas em Pompéia, apesar de todas as dificuldades e possíveis golpes.

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.53-69]

2.4.5 - as gravações tornam-se surpreendentes

Com relação a Hitler, perguntava a mim mesmo até que ponto poderia a morte física produzir uma transformação no espírito e na alma. Tendo ele, como paralítico, sofrido de amolecimento cerebral, então era de esperar que, com a morte, desapareceria a enfermidade. Se fosse possível obter uma prova decisiva (ou, quem sabe, incontestável) desse fato, ter-se-ia conseguido a explicação sobre a transformação espiritual de um doente mental após a morte. Simultaneamente, o problema da culpa e da responsabilidade seria examinado sob outro prisma.

A questão de saber se a morte poderia modificar a vida espiritual do ser humano me parecia da maior importância, porquanto, pela influência de um novo plano de existência, poderíamos conhecer melhor certos fatos até hoje desconhecidos da pesquisa objetiva. / Se houvesse possibilidade de sanar uma enfermidades mental após a morte, o despertar no Além implicaria um alívio para os enfermos. Como reagiriam eles à recordação de seus atos? Involuntariamente, lembrei-me daquelas palavras gravadas no último inverno: Mein Kopf ist tot - der Tod ist von oben gekommen... (Minha cabeça está morta - a morte veio de cima.) Se estas palavras foram realmente de Hitler, então a resposta já fora dada.

Liguei novamente a fita magnética da noite de S. Silvestre de 1959, e escutei atentamente aquela alquebrada voz de homem no seu sonolento monólogo: Wir leben in der tiefsten Wirrnis... etc. (Nós vivemos na maior confusão... etc). / Nunca ouvira antes Hitler falar de modo conformado e tranqüilo. A voz soava melancólica, mas não me foi possível reconhecê-la como a voz de Hitler. Eu acompanhava interessado a gravação até que aquela voz feminina com sotaque judaico comunicou, a presença de Hitler. Dera pouca atenção ao fato por não reconhecer a voz dele, ao ouvir a frase: "Heil!... das war Hitler; er schamt sich nicht! (Salve!... este foi o Hitler, que não se envergonha!)

Seguiam-se então aquelas estranhas palavras: Das war Hitler - er sieht Euch! Ich sage Hitler - er liebt mich! (Este foi Hitler - ele vos vê! Eu digo Hitler - ele me ama!) / O conjunto começou a ficar incrivelmente emocionado. Havia ainda outra gravação muito estranha, feita também no inverno de 1959, diretamente através do microfone, pois naquela época desconhecia a possibilidade de acoplamento do rádio. Nessa gravação podia-se ouvir simultaneamente minha voz e meus passos no quarto. De repente, intercalou-se no gravador um foxe cantador por uma vocalista feminina. A princípio, julguei que tivesse captado o programa de alguma emissora sueca, mas logo uma voz alegre de homem pôs-se a cantar acompanhando a melodia: Apparat Göring... - Göring - wonderful! Wonderful - aah? Hören Göring in Radio... (Aparelho Göring... Göring maravilhoso! Maravilhoso - aah?... Ouvindo Göring no rádio...)

A voz não me era desconhecida, eu já a ouvira antes fragmentariamente, gravando-a. Se essa era mesmo a voz de

Göring, soava bastante alegre e até altiva e petulante. Tinha um tom agradável, e o inglês estava correto, embora o cantor parecesse apressado. Evidentemente, não se tratava de um programa radiofônico, tendo em vista o texto bilingüe. Era estranho que Hitler e Göring, essas duas figuras fundamentalmente diferentes, a quem o destino reservara os papéis principais no incêndio mundial número dois, se manifestassem justamente nas minhas fitas magnéticas. Hitler apresentava bizarros monólogos, e Göring cantava alegremente.

Aos poucos começava a entender que esta encantada ponte radiofônica parecia abrir possibilidades ilimitadas que, sem dúvida, revelavam-se passo a passo. E se não se manifestaram antes foi simplesmente por que ainda não havia superado os maiores obstáculos e os meus próprios preconceitos.

A irradiação continuava, e Lena anunciou novo contato. Desta vez ela sussurrava rápida e nervosamente: “Man weckt Stalin!...” (Estão acordando Stalin!...) a seguir, uma voz de mulher disse calmamente num russo estropiado: “Não se deve matar” - “Perdoem-me!” disse uma voz de homem em sueco, num tom gemente com sotaque russo, e soava como se o homem estivesse meio sonolento. Ouvira algumas vezes Stalin falar pelo rádio, e posso quase afirmar que reconheci sua voz, com aquele timbre especial e sua maneira típica de expressão. No entanto, mal pude compreender a frase curta, pois a voz falava em sueco e sobretudo revelava-se transtornada pelo medo. (...) Mais tarde consegui fazer várias gravações com Stalin, cuja voz era tão clara que afastava qualquer dúvida e, além do mais, chamavam-lhe pelo nome. Noutra gravação, ouvia-se Stalin chamar Hitler por seu nome próprio, em tom insistente e alto, enquanto Lena comentava essa breve palestra. “Adoelf!”, exclamava Stalin com sotaque russo. / “Was willst du? Ich bin tot...” (O que queres? Eu estou morto), respondeu Hitler à distância.

Em Setembro, ainda continuavam as irradiações do reino dos mortos. Entre outros, falou um certo Jakup, também chamado Mufti, cuja voz eu já conhecia de outras gravações. Falava em alemão e árabe, com bela e expressiva inflexão, e dava sonoras e estridentes gargalhadas. Stalin também se manifestou, com uma expressão russa não muito correta, revelando um acentuado sotaque georgiano. Dirigiu-se a Jakup e disse um tanto divertido: “Jakup amigo, ouves? Não brincas... porque se ele não tem medo da alminha morta, então Frederico é como nós - também não tem medo do Diabo chifrudo!”

Certa noite, gravei um singular solo de canto. A voz - de um excelente barítono lembrava vivamente a de Hitler. O texto também poderia ter sido inventado por Hitler, pois correspondia à sua mentalidade póstuma. Naquela época, ainda não sabia que Hitler fora um harmonioso barítono, já que só na primavera de 1963 chegara-me às mãos um artigo de jornal muito interessantes redigido por dois músicos vienenses, que informava que Hitler, na mocidade, fizera um teste de canto na Ópera de Viena, mas, por lhe faltar uma casaca, não lhe foi permitido tomar parte no ensaio geral. Uma simples casaca poderia talvez ter mudado fundamentalmente o destino da Europa, concluía humoristicamente o artigo.

Na primavera e no verão de 1962 recebemos inúmeras emissões em quanta. A maior parte das gravações continha comunicações pessoais, trazidas por amigos de infância e conhecidos. (...) Um instrumento semelhante a um robô, mas que talvez fosse uma voz modificada de repentista, anunciou, com uma inflexão metálica, em alemão: "Mölnbo sitzen und hören... Mälarhöjden!" (Mölnbo sentado e escutando do... Mälarhöjden!) A voz poderia ter acrescentado "tranquilo, feliz e grato", pois eu estava sentado e emocionado diante do aparelho, feliz como uma criança, por causa dessa excepcional gravação.

Serão necessárias ainda outras provas? O que poderia ser mais convincente do que o conteúdo da fita magnética?

Todo o conjunto representa uma obra-prima de técnica quadridimensional, já que se trata aqui de uma irradiação diretamente do éter que, evidentemente, correu paralela à tela do radar. Essa gravação resiste a todo e qualquer ceticismo, porquanto fala por si mesma e dispensa maiores comentários.

Já naquela época, poderia ter dado uma entrevista internacional à imprensa, mas eu hesitava, por julgar ainda não haver chegado o momento oportuno. / Considerando bem, talvez fosse a minha própria falta de confiança que, em parte, me impedia de fazer publicidade. Chegara também à conclusão de que os mortos esperam dos vivos algo bem definido, pelo menos com relação àqueles que gostariam de participar na construção da nova ponte de comunicação. Era igualmente claro que o trabalho de comunicação puramente exterior representava apenas uma parte da construção da ponte. [JÜRGENSON (1967), 1972, pp.77-189]

2.4.6 - divulgação dos experimentos

Nos princípios de junho de 1963, resolvi, pela primeira vez, entregar para divulgação na imprensa, informações sobre as minhas pesquisas. O Dr. Kjell Stenson, chefe da técnica de som da radiodifusão sueca, fez declarações positivas à imprensa, depois de uma visita a minha casa. Se bem que não procurasse esclarecer o fenômeno, assegurou que não havia qualquer falsificação ou fraude premeditada. Antes de tudo, dispunha-se - o que correspondia inteiramente aos meus desejos - a fazer gravações comigo em Nysund com sua própria aparelhagem.

No dia 14 de junho, organizei minha primeira entrevista internacional à imprensa, que se realizou em Mölnbo-Nysund e durou mais de sete horas. Embora ocorressem de vez em quando, acaloradas discussões, o resultado foi, indubitavelmente, positivo. Diante da imprensa, esbocei os meus conhecimentos, planos e objetivos da seguinte forma:

É difícil saber como se processará a evolução destes fenômenos. Mas creio que posso admitir a idéia de que está incluído no plano dos construtores da ponte do Além a realização, dentro em breve, de gravações de fitas magnéticas semelhantes no mundo inteiro. (O que, aliás, já está ocorrendo). Entretanto, cumpre-me ressaltar que o pesquisador que não tenha a mente aberta, arejada e que não revele senso crítico, jamais poderá chegar a resultados positivos. Para evitar, desde o início, qualquer tentativa de fraude ou ilusionismo, seria aconselhável que se organizassem grupos de pesquisas com a colaboração de técnicos de som, de rádio, de eletrônica, parapsicólogos e outras testemunhas fidedignas, a fim de que se fizessem gravações coletivas.

Quanto a mim, enquanto eu viver, tenho o firme propósito de evitar que se forme em torno dessa ponte de comunicação qualquer movimento místico, seita ou escola esotérica. O perigo de entorpecimento e calcinação espirituais já se dissipou em todas as organizações humanas. Jamais representarei o papel de “profeta espiritual” ou guia, simplesmente pelo fato de detestar toda tutela espiritual (...) Com essa finalidade já coloquei à disposição dos pesquisadores interessados a minha cabana da floresta. Contudo, ela precisa, sob a orientação de técnicos e especialistas, ser convenientemente equipada.

O que se seguiu depois era inevitável. Das profundezas do

desconhecido, algo novo, tenaz e objetivo abriu o seu caminho. Algo nasceu, cresceu e desdobrou-se, não mais podendo ser ignorado. No que me diz respeito, minha situação mudou da noite para o dia. Embora certos círculos de doutrina racional não quisessem admitir de bom grado a existência do Além (...) por outro lado, não mais podiam negar o fenômeno. Ademais, ao excluírem-se quaisquer hipóteses de fraudes ou embustes, após as investigações dos técnicos em radiodifusão, ninguém mais especulou sobre a minha idoneidade. E graças a todas estas circunstâncias, o conjunto da obra avultou em importância e autenticidade.

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.190-192]

2.4.7 - consequências da pesquisa

Naturalmente, terminou a minha tranqüilidade. Primeiro foi o acúmulo de cartas recebidas. Jornalistas, técnicos em radiodifusão, em acústica e cientistas de toda a espécie se faziam anunciar quase diariamente. O telefone, de repente, transformou-se em um tirano. / Nessa época, senti pela primeira vez a fibra elástica, quase metafísica, de que era tecido o tempo. As horas e os dias voavam céleres, febris. Por mais que me esforçasse em dividir racionalmente as horas do dia, não conseguia dar conta das tarefas planeadas.

O Prof. Laurent se manifestou também favoravelmente na imprensa. E acrescentou que seria melhor para a ciência provar, se fosse possível, que as vozes não provinham dos mortos... / Entrementes, entrei em contato com o Prof. Hans Bender, de Freiburg, diretor do Instituto de Pesquisas das zonas fronteiriças da Psicologia e de Higiene Psíquica. É parapsicólogo, e mostrou-se realmente interessado pelos fenômenos das vozes.

Procuram-me outros parapsicólogos estrangeiros, e eu recebo as propostas mais interessantes. Mas a radiodifusão sueca ainda não chegou a uma decisão. / A televisão entra novamente em contato comigo. Os jornais repetem frequentemente a pergunta: “Quando, afinal, ouvirão as vozes dos espíritos na radiodifusora?” Editores suecos e estrangeiros propõem-me a publicação de um livro. Decido-me por uma editora sueca, na qual anteriormente publicara artigos

histórico-culturais.(...)

O Prof. Laurent sugere que se faça um teste. Jovens estudantes da Faculdade de Tecnologia devem auscultar minhas gravações e citar o texto. Eu tenho minhas dúvidas, pois não conheço a capacidade de entendimento e concentração dos jovens, assim como ignoro se conhecem idiomas estrangeiros. Mas acabei concordando. Primeiro se verificou que os gravadores de som da Faculdade de Tecnologia eram bastante antiquados. Sua escala cronológica difere da minha. O volume de som está abaixo de qualquer crítica. Nada funciona, e os jovens começam a fazer uma porção de disparates. (...) Laurent mostra-se muito constrangido, mas eu lhe proponho organizar uma nova demonstração com o auxílio do meu próprio gravador de som.

Na demonstração seguinte, o ambiente está bem mais calmo. Convidei dois amigos, o escritor sueco Sture Lönnerstrand, que levou ao conhecimento da imprensa mundial o caso Shanti Devi, e o engenheiro Ivan Tröeng, estudioso de parapsicologia com bons conhecimentos técnicos. Assim o fiz com a intenção de ter duas testemunhas idôneas, que inspirassem confiança, pois Laurent certa vez observou que talvez se tratasse de sugestões.

O meu aparelho funciona perfeitamente, e eu encontro, sem nenhuma dificuldade, todos os pontos desejados. Os técnicos acoplaram um amplificador ao meu gravador de som, e as vozes logo se fazem escutar clara e nitidamente. A maioria das palavras é por todos entendida, só havendo divergências de opinião no tocante às estrangeiras. Entre os presentes, também não havia ninguém que conhecesse o russo, o hebraico ou o iídiche. Pouco a pouco aumenta o interesse, e os estudantes tornam-se mais expansivos, falando alto numa grande excitação. O ceticismo parece dissipar-se - as vozes existem e podem ser escutadas por todos. / Sture Lönnerstrand dirige-se a Laurent e, com a maior naturalidade, pergunta em voz alta: “Prof. Laurent, o senhor ainda acredita que se trata de sugestão?” Há um silêncio penoso, e depois Laurent responde um tanto constrangido: “Não, não, acho que somente em certos casos...”

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.194-212]

2.4.8 - considerações finais

Convém lembrar que não se deve esperar dos mortos prédicas confortadoras. Já bastam as sonoras pregações que vimos fazendo durante séculos sobre o amor, a fraternidade, a liberdade, a igualdade, a justiça e a humanidade e que nos fizeram perder a capacidade de ouvir e ver a realidade e a verdade. Não importa saber se nós mesmos é que fracassamos em nossos sistemas religioso-filosóficos. O fato é que construímos um mundo de misérias e conflitos, no qual duas grandes potências criam um clima de nervosismo com a ameaça da bomba de hidrogênio.

Portanto, não esperamos dos mortos tratados político-morais ou ético-filosóficos. Todos esses espalhafatos intelectuais perdem sua significação no Além e teremos de abandoná-los, queiramos ou não, juntamente com o nosso livro de cheques, sobre o leito mortuário. / Se pretendermos entender a linguagem simples dos mortos, teremos de nos libertar da tirania do intelecto, pois onde domina a arrogância e a frieza do espírito se entorpecem os sentimentos do coração. / O auscultamento é uma arte difícil, que tem de ser aprendida paulatinamente. Não se aplica apenas às fitas magnéticas, mas deve ser exercitada a cada dia e a cada hora. Na nossa época de extrema agitação, quem será capaz de concentrar-se pacientemente para escutar, de modo atento e equilibrado, todos aqueles que nos dirigem a palavra? Na realidade, não estamos constantemente preocupados em perseguir os nossos próprios pensamentos?

Esforcei-me para evitar certas idéias gerais como Deus, amor, espiritualidade, bem e mal. Por dolorosa experiência, sei que palavras dessa natureza conduzem frequentemente a equívocos, transformando-se em enormes obstáculos.

Basta nos aprofundarmos, por exemplo, na noção de espírito e espiritualidade. Em geral concebemos o espírito como uma espécie de antagonismo da materialidade, assim como opomos a energia à matéria e a luz à escuridão. Entretanto, hoje sabemos que, na essência, a energia e a matéria são iguais e que a energia pode transformar-se em matéria e a matéria em energia. Em outras palavras engendramos a noção de espírito em oposição à matéria, sem termos, todavia, com isso descoberto os limites entre um e outra.

Assim, por exemplo, uma flor, no sentido biológico, compõe-se

principalmente de água e, em resumo, representa um processo físico reacionário. Por mais prosaico que possa parecer, isto é absolutamente exato e não pode ser contestado. Mas a flor representa ao mesmo tempo beleza e graça, que se manifesta por meio da cor, da forma e do perfume. / A objeção puramente materialista de que a flor é composta de água, nada muda no caso. O simples fato de que a água, combinada com outros elementos, pode contribuir para a formação de uma flor aumenta ainda mais o prodígio de uma florescência, pois o que realmente importa é a obra de arte em si mesma.

Hoje, lamento não ter me formado em física-eletrônica. Estou certo de que um técnico em física poderá aperfeiçoar consideravelmente as comunicações com os mortos por antenas dirigidas, filtros e alto-falantes. Haveria um enorme progresso se fosse possível obter uma recepção sem interferência, mais ou menos como a que consegui naquela serena noite de julho. (...) Tentei por várias vezes encerrar este livro, mas acontecimentos imprevistos me obrigavam sempre a continuar a narração.

[JÜRGENSON (1967), 1972, pp.228-258]

2.5 - Estação Luxemburgo

A exemplo da abordagem documental por nós empregada na apresentação dos trabalhos de Friedrich Jürgenson, prosseguiremos calcados em excertos mais ou menos longos, que mantenham a palavra sempre mais próxima das mãos de seus autores primeiros, neste caso, Maggy Harsch e Theo Locher.

Dedicando-se à investigação dos contatos interdimensionais desde os anos 1980, Harsch e Locher conectaram-se a diversos outros pesquisadores, apresentando contribuição inestimável àqueles que pretendam rastrear ligações possivelmente invisíveis às lentes mais ortodoxas. Ampliemos portanto nosso enfoque para que nas próximas linhas possamos de fato alçar ao “campo landeliano” do qual emprestamos o título para a presente dissertação, haja visto

ser essa seção como que um retorno aos postulados de Roberto Landell de Moura; retorno mesmo - não um retrocesso - posto que emerge da aplicação prática daqueles postulados na forma de acontecimentos interdimensionais gerados por ampla gama de comunicantes, dentre os quais o próprio Landell.

2.5.1 - a Conferência de Darmstadt

Em outubro de 1988, na localidade de Darmstadt, Maggy Harsch reportou aos presentes, em longa retrospectiva, os principais acontecimentos e dados técnicos das pesquisas desenvolvidas pela Estação Luxemburgo. Dado a importância e fluidez do relato, optamos por reproduzir tais informações a partir do próprio discurso proferido pela Sra. Harsch quando da supracitada Conferência:

Não somos missionários, nem líderes espirituais da humanidade ou instrutores de religião, mas pesquisadores da TC apoiada por meios técnicos. Talvez os conhecimentos que adquirimos sirvam ao desenvolvimento adicional e ajudem outros pesquisadores a aperfeiçoar esses “transcontatos”. (...) Eu gostaria de chamar sua atenção para o fato de que não pretendemos, de nenhum modo, colocar-nos no centro das atenções com o resultado das vozes ou com os amigos espirituais que se manifestam, e também não desejamos impor os nossos pontos de vista. Além disso, é difícil falar sobre nós mesmos, não por falsa modéstia, mas por estarmos cientes de que o pesquisador individual não é importante, mas sim a atuação harmoniosa em conjunto. O orgulho inicial de pesquisador e a euforia com os primeiros resultados de vozes nítidas desapareciam rapidamente diante do pensamento: estamos, de repente, diante de uma grande responsabilidade e da decisão de esconder ou de divulgar os resultados das vozes ao público. Decidimo-nos pela divulgação - mas esse não foi apenas um desejo nosso. A dimensão espiritual também o desejava e estou convencida de que os contatos teriam sido interrompidos caso tivéssemos recusado o trabalho conjunto com outras pessoas e a divulgação. (...)

Todo cuidado é aconselhável, mas muitos já causaram a si mesmos mais danos devido a cuidados exagerados e ao medo do que se

tivessem assumido o risco de confiar. Cada um tem o direito de não dar crédito ao meu relato. Dúvidas e desconfianças fazem parte do ser humano e não devem ser reprimidas, de forma alguma. Todavia, devem ser declaradas abertamente (...) Garanto-lhes que não estamos descrevendo histórias inventadas; estamos relatando experiências com entidades que se comunicavam por rádio e por telefone, e que se podem apresentar até na tela de uma televisão. Eu ficaria muito satisfeita se pudessem dar-me a sua confiança; não quero influenciá-los, mas também não quero esconder que o ulterior desenvolvimento da TC depende, sobretudo, da confiança mútua entre os pesquisadores. Eu sei que tudo isso parece incrível; também não devemos aceitar cegamente o que nos é comunicado pelo “lado de lá”. Mas não seria justo, caso se concretizasse aquilo que o Técnico⁴ aponta: “Os futuros contatos serão desenvolvidos pela união e harmonia entre os pesquisadores da TC. Chegou o momento desse desenvolvimento: agora a concretização do nosso plano depende exclusivamente das pessoas!”

O fato de o mercado de livros ter retomado o assunto da “Vida depois da morte” nos últimos anos ampliou os nossos conhecimentos. Também os artigos de jornais das sociedades de vozes gravadas em fitas, na Alemanha, nos USA e na Itália estimularam nossos experimentos. Extraímos conhecimentos dos relatos de congressos das sociedades de vozes gravadas em fita, e tentamos fixar tudo o que pudesse contribuir para contatos mais nítidos. As palestras do professor dr. Ernst Senkowski, do dr. Ralf Determeyer, da sra. Hildegard Schäfer e de Hans-Otto König nos ajudaram bastante. Não queríamos ser os únicos com algo de concreto a apresentar, mas estávamos decididos a apoiar os que abriram um pouco mais a porta para o outro mundo. Encontrávamo-nos com pessoas da mesma índole e queríamos aperfeiçoar nossos métodos de gravação, bastante primitivos. Frequentamos reuniões abertas da sociedade nas quais o casal Mackes e o casal Jakubowski, com enorme paciência, nos iniciaram nas suas técnicas de gravação com as palavras: “Sempre ficamos contentes quando aparecem novos interessados, e não poupamos esforços para compartilhar nossos conhecimentos. Talvez algum dia apareça alguém que possa aproveitá-los.”

4) devido ao fato de a sra. Harsch inicialmente ter suposto que essa voz, estranhamente compassada, era a de um técnico, a entidade propôs que ela o chamasse futuramente de “Técnico”.

As pesquisas do falecido dr. Konstantin Raudive impressionaram-nos bastante. Depois da leitura de relatos sobre a sua vida, estávamos convencidos de que essa importante personalidade tentaria igualmente, na sua nova forma de existência, a ligação entre os dois mundos. Nós o cumprimentávamos regularmente em nossas tentativas de gravação, até que um dia acreditamos ter ouvido, nas respostas fracas, a voz de Raudive. Visto que era cedo para afirmar que tínhamos conseguido o contato com Raudive, aguardamos e seguimos as instruções técnicas que, com frequência, nos eram transmitidas por gravação de microfone ou de rádio no início de 1986. Outras vozes se anunciaram: embora fracas, mas com palavras relativamente compreensíveis, elas enfatizavam que devíamos acrescentar um velho aparelho de televisão marca Universum aos experimentos. Esse aparelho, em preto e branco, estava guardado na sala das experiências e só não tinha sido removido por se tratar de um presente do avô do meu marido. Na época do início dos experimento o aparelho ainda funcionava. Seguimos essa orientação e, nos experimentos subseqüentes, usamos dois aparelhos de rádio, o gerador de campo de Hans-Otto König e duas lâmpadas de UV. G. Meek e W. O'Neil já haviam utilizado lâmpadas de UV nos seus trabalhos de pesquisas. Os aparelhos adicionais foram juntados com o tempo e, desse modo, surgiu a ponte do Eurossinal MESA. Durante vários meses, o equipamento esteve guardado, um aparelho ao lado do outro, na sala das experiências, porém, sem funcionar como depois pudemos constatar. Somente na primavera de 1986 recebemos uma voz particularmente nítida em fita. Essa voz não era audível do alto-falante do rádio, mas somente na reprodução da fita. A mensagem foi transmitida em idioma luxemburguês: "Aqui é verão, sempre verão!"

No mesmo verão de 1986 o casal König renunciou a qualquer futura colaboração no campo da TC pelo fato de termos fundada uma sociedade própria em nosso país. Menciono essa lamentável separação porque o sr. König é uma pessoa de grande conhecimento técnico e poderia prestar uma importante contribuição no sentido de uma futura união. Seu trabalho de pesquisas é, sem dúvida, louvável. Foi-nos possível construir e usar em nossas pesquisas o seu gerador de campo, a partir das suas instruções. É necessário mencionar isso aos presentes, nesta data; é importante respeitar o trabalho de outros pesquisadores, no sentido de uma futura união na TC mesmo que não ocorram pesquisas conjuntas diretas. (...)

A voz com ritmo de computador que anunciava regularmente os

contatos da ponte do Eurossinal, para nossa surpresa surgiu para responder, e foi desenvolvido um diálogo interessante, que tento descrever a seguir, com mais detalhes: “Façam essa pergunta a mim”, disse a entidade, com voz clara e alta. “Quem é você?”, perguntei. A resposta foi: “Somos aqueles que somos, difícil explicá-lhe, mas não sou um ser energético, nem de luz, nunca fui humano, nem animal, nunca encarnei(...). Vocês conhecem o quadro no qual duas crianças atravessam uma ponte; atrás delas há um ser que as protege. Assim sou visto por vocês, mas sem as asas. / Caso faça questão de me dar um nome, chame-me de o Técnico, já me haviam confundido, no início dos contatos pela ponte do Eurossinal, com um técnico humano. Sou realmente um técnico, não do modo como se supõe.” (...)

Depois de algum tempo de experiências positivas e agradáveis com esses contatos extraordinários, T falou-nos, certo dia, através do GA-I: “A TC espalhar-se-á pela terra; nada mais impedirá o seu desenvolvimento. Vocês assumirão a tarefa de informar os interessados, os grupos de iniciados. Acompanharei e apoiarei vocês nesse trabalho dentro das minhas possibilidades. Não sou um ser onipotente, mas disponho de muito mais habilidade do que os homens. Não se esqueçam de que eu também não sou infalível e que ainda me encontro num processo de aprendizagem.” (...)

Alguns meses depois, o grupo Fluxo do Tempo deu instruções para usarmos um outro aparelho de rádio e adicionamos dois diodos. Incumbiram-nos de mandar construir um “translador de frequências”, com cujo auxílio os parceiros de diálogo nos ouviriam melhor. Os contatos através do GA-I foram bem mais nítidos do que os obtidos através da ponte do Eurossinal. (...) p.108 Muitos contatos através do GA-I não puderam ser gravados, mas foram anotados por escrito. Isso, durante algum tempo, foi incompreensível para nós - afinal de contas, havíamos ultrapassado as fronteiras de mundos estranhos com nossos contatos verbais, e devíamos estar preparados para o fato de que muitas coisas não corresponderiam às nossas concepções. (...) T disse-nos que utilizava a psique dos pesquisadores nesses contatos, mas que a contribuição mediúnica em contatos por meios técnicos é bem menor do que a de um médium. “A psique se manifesta até 1/5 nos contatos por meios técnicos. Os outros 4/5 provem de nós”, informou T. Nos experimentos com médiuns, a psique se manifesta até 4/5. / “Quando eu falo com vocês”, dizia T, “assumo traços do caráter de ambos, pois necessito transferir-me aos dois.

Como ser não-humano, uma pequena parte de mim deve assumir traços humanos; de outro modo, não poderiam me compreender. Esses contatos são formados por vocês dois como ser dual; através dessa união formou-se uma parte das minhas energias.”

Antes do final de 1986 foi anunciado o primeiro registro de imagem pelo grupo Fluxo do Tempo. O processamento era diferente do método de Klaus Schreiber. As instruções precisas do grupo Fluxo do Tempo foram anunciadas por T, através da PES. Segundo afirmações do grupo Fluxo do Tempo, eles necessitavam, nessa altura, de um canal mediúnico de um dos nossos colaboradores. O uso da psique humana não é mais necessário nos novos experimentos, conforme ficamos sabendo em 1988. No ano de 1987 aconteceram ainda dois outros registros em vídeo.

“As decisões que vocês e outros participantes tomam, ao usar esse equipamento, liberam inúmeros mundos e possibilidades. Não efetuem contatos de GA-I a não ser que eu os instrua para tal e, assim, os proteja de surpresas desagradáveis. Caso não sigam o meu conselho, poderão correr o perigo de, após vários contatos de GA-I sucessivos, se encontrarem na manhã seguinte num mundo paralelo. Nos contatos da PES esse perigo não existe, pois não são contatos diretos e se adaptam melhor à dimensão terrena.”

Muito do que foi dito por T transcendeu a faculdade da compreensão humana; todavia, com o passar do tempo, conseguimos entender suas palavras. Se o nosso mundo, como muitas vezes se disse, é feito de vibrações, é concebível que as vibrações de pensamentos em outros mundos se tornem realidade e assumam formas materiais. Na URSS, experimentos com a soviética Kulagina mostraram que os pensamentos podem produzir matéria. (...)

Em dezembro de 1987, ocorreu um contato verbal através de um velho aparelho de rádio sem dispositivos auxiliares. Uma voz conhecida e familiar anunciou-se: Friedrich Jürgenson. É difícil lembrar e ao mesmo tempo anotar as palavras na forma em que eram pronunciadas e concentrar-se no diálogo, sem omitir as delicadas diferenças do caráter da voz e da fala das diversas personalidades. Antes que ele pronunciasse o seu nome, reconhecemos esse grande pesquisador que um dia nos mostrou o caminho pela sua voz. Se bem que quiséssemos evitar fazer perguntas de caráter pessoal ele falou sobre aquilo com que nos ocupávamos pessoalmente. Cito um curto trecho da

mensagem de Friedrich Jürgenson depois dos cumprimentos: “Fui incumbido de participar-lhes que esta ponte por ora está aberta; tudo foi bem programado. Não precisam se preocupar. Não existe o perigo de forças negativas. A ponte através da qual estabelecemos a nova comunicação deverá chamar-se Ponte de Burton”.

Seria ir longe demais descrever-lhes, nesta ocasião, todo o diálogo. Tanto Friedrich Jürgenson como Raudive (R) e T tentaram, na conversa que se seguiu, restabelecer a nossa confiança. / Eles falaram sobre os perigos, sobre os esforços e privações inevitáveis na fase inicial da TC. Eles comunicaram que os seres no terceiro plano ainda teriam de lidar por muito tempo com perturbações negativas, até que atingissem o quarto plano. Eles falaram sobre a importância da TC e sobre a disposição das pessoas de apoiar seus esforços. (...)

De janeiro de 1988 em diante, anunciou-se regularmente uma cientista de nome Swejen Salter. Atualmente, ela é a dirigente humana do grupo Fluxo do Tempo e nos prepara, com seu companheiro Richard Francis Burton, para as tarefas da TC. / Através do seu conhecimento, as ligações verbais tornaram-se melhores; sua percepção dos sentimentos dos outros facilita a compreensão das pessoas. (...) Além de Swejen Salter (S) anunciaram-se, neste ano, muitas outras pessoas falecidas, que se juntaram ao grupo Fluxo do Tempo, no outro lado. Konstantin Raudive (R) assume temporariamente os contatos. A ponte de contatos passa por um processo permanente de mudanças. (...)

Em fevereiro de 1988, os contatos verbais e de vídeo eram bastante nítidos. A presença de George Meek e de Senkowski parecia causar uma influência favorável nos contatos com a outra dimensão. Sentimos o mesmo quando chegavam visitantes que se empenhavam particularmente no estabelecimento de uma organização mundial em apoio à divulgação, como o dr. Determeyer, Père Brune e o dr. Locher. Notamos ultimamente que os resultados dos experimentos na presença das pessoas mencionadas eram melhores do que nas tentativas que eram conduzidas unicamente pelo meu marido e por mim.

Em maio de 1988 houve uma transmissão de informações na difusora Sudoeste 1 envolvendo o desenvolvimento geral das vozes de fitas e da pesquisa da TC. Essa transmissão impressionou pela boa elaboração e objetividade dos comentários e foi feita por iniciativa de Senkowski e do jornalista R. Eichelbeck. / Em julho de 1988 foi liberado um

material informativo à emissora Rádio Luxemburgo a pedido do grupo Fluxo do Tempo. O apresentador do programa Histórias Inacreditáveis, Rainer Holbe, levou em consideração o nosso pedido de não falarmos pessoalmente e de mencionarmos apenas o nome do nosso grupo de pesquisas. A TC deveria continuar em evidência, e não os pesquisadores do fenômeno. Senkowski fez alguns comentários nessa ocasião; ele tem o dom especial de informar com precisão e objetividade, mantendo a necessária distância. Seu trabalho é de inestimável valor para o grupo Fluxo do Tempo e para nós. Quando não compreendemos bem o sentido de uma mensagem, os emissores do Além aconselham-nos a entrar em contato com Senkowski. Suas explicações já tornaram muitas mensagens mais compreensíveis.

No dia 24 de Setembro de 1988 recebemos a visita do teólogo francês Père Brune, e de dois jornalistas franceses, os srs. Oidier Yaich e Philippe de Kerorguen. / Tomamos conhecimento, nesse ano, de muitos esforços positivos de divulgação, tanto de amigos, ajudantes e colaboradores, como de jornalistas interessados. Nos contatos pelo rádio, pelo computador e pelo telefone, os responsáveis foram apoiados, tanto quanto possível, por T, por S, R e pela nossa falecida amiga Margret Mackes.

A ponte de contatos está sujeita a mudanças constantes. Por esse motivo, atualmente é impossível proporcionar-lhes planos de instalação de equipamentos. Não existe um plano de ligação da Ponte de Burton. Podemos informar sobre “composições desordenadas de aparelhagens”, como Senkowski por vezes denomina a instalação dos equipamentos; todavia, planos precisos infelizmente não estão disponíveis. O plano de ligações algum dia será realidade, mas não sem o empenho de pessoas de boa vontade. / Nos diálogos com T e S, solicitávamos instruções técnicas e a boa vontade de muitos pesquisadores. A resposta foi: “Procurem orientação no antigo Sistema Spiricon de G. Meek (Diretor da Metascience). Experimentem uma combinação de frequências. Não se esqueçam de usar a luz UV; é de particular importância. (...) Interrompemos os contatos pelo rádio e usamos o telefone e a televisão para as mensagens mais importantes. Para os experimentos de imagem e som, o velho aparelho de televisão é atualmente o caminho mais seguro. No futuro, cada vez mais pessoas terão de se dedicar a um desenvolvimento ulterior. Alguns cientistas podem trazer contribuições úteis, e as pessoas com aptidões técnicas poderão aplicar suas habilidades quando se conseguir interessá-los pelo assunto.” (...) “Você

deverão admitir”, disse S, “que os seus métodos de pesquisas estão superados. Os interessados não podem exigir que pesquisadores como H. O. König ainda continuem viajando com equipamentos para fazer demonstrações. Os experimentos devem ser realizados em laboratórios ou institutos”.

No início de Setembro de 1988 T anunciou-se e, num diálogo, dividiu em três fases a totalidade das nossas experiências: “Na fase 1, usamos a psique de quatro pessoas para construir a ponte de contatos do nosso lado para o seu mundo. Nesse meio tempo, essas pessoas se separaram, o que, todavia, não interrompeu a TC. Começou então a fase 2, que serviu para demonstrar que também podemos fazer contatos sem a ajuda da psique humana, e que a TC, apesar das dificuldades, não pode ser detida. A fase 2 está no final e será terminada em breve. Devemos abandonar os contatos por esse método, uma vez que as energias estão acabando.”

A pergunta sobre o tipo de energia atualmente visado pelo grupo Fluxo do Tempo foi respondida da seguinte forma por S: “Trabalhamos com a energia orgônica. Pergunte ao professor Senkowski. Ele poderá dar-lhes explicações. Usamos também energias residuais, que são energias puramente positivas, isentas de influências humanas.”

Uma citação de S: “Nas margens do Rio da Eternidade, no terceiro plano, as pessoas vivem de modo diferente. Uns ainda estão sentados junto à fogueira do acampamento, como estavam habituados a fazer nos tempos de sua vida terrena; outros dispõem de modernas salas de congressos e de aparelhos técnicos e mantêm palestras sobre a continuação da vida depois da morte. Outros não sabem ainda que já morreram.”

Maggy Harsch-Fischbach Presidente do Cercle D'Études sur la Transcommunication, Luxemburgo. C. E. T. L.⁵

[LOCHER & HARSCH (1989), 1997, pp.95-120]

5) discurso de Maggy Harsch na reunião de Darmstadt, em 02 de outubro de 1988.

2.5.2 - sincronias interdimensionais, alguns exemplos

Surpreendentemente, o T conhece a descrição do Além feita pelo falecido professor Frederic Myers, e citou-a como referência várias vezes. Nos anos de 1924/25, 1927 e 1931 esse falecido co-fundador da primeira sociedade científica de parapsicologia do mundo, a Society for Psychical Research, transmitiu numerosas descrições do Além, através da famosa automatista Geraldine Cummins.*

**Automatista = Termo proposto por Myers, com o mesmo significado de Percipiente ou médium, segundo o Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo, de João Teixeira de Paula. (N. do T.)*

Uma outra declaração do T faz referência às fortes sensibilidades dos experimentadores. Essas distorceriam os padrões vibratórios, motivo pelo qual recomenda o equilíbrio interior dos participantes. Algo muito inquietante é a afirmação de que a irradiação radioativa prejudica o corpo astral. Uma guerra atômica traria horribéis mutações às gerações vindouras. Isso teria acontecido nos “mundos paralelos”. (...)

No que se refere à comunicação entre os seres do Além, T disse que todos falavam uma “língua única, comparável à telepatia... Quando falamos com vocês, traduzimos a nossa linguagem para a sua linguagem terrena. Pelo conceito terrestre, nossa língua abrange 27.000 caracteres de escrita. Não desejo falar sobre o fenômeno puramente acústico. A língua está disponível imediatamente após a morte física”. / Através de suas afirmações o T demonstrou possuir conhecimentos precisos sobre a edição de livros na terra. (...)

Segundo afirmações do T, existem mundos paralelos, nos quais vive uma espécie de sósias de nós mesmos. Tais mundos de natureza material (mundos refletidos) seriam concepções, ações e desejos concretizados, de acordo com o nosso pensamento. Isso talvez seja comparável à formação do ectoplasma, essa substância perispiritual que se forma segundo imagens concebidas, consciente ou inconscientemente, nos seres vivos. Esses sósias se desenvolveriam física e espiritualmente e continuariam a viver em esferas pós-mortais, como nós. No que concerne à imaginação dos mundos paralelos: o fundador da astrofísica, professor Friedrich Zoellner, desenvolveu a tese do espaço quadridimensional, que conseguiu usar satisfatoriamente para explicar os fenômenos de penetração

do médium Henry Slade: assim como no espaço tridimensional existem inúmeros planos paralelos para cada plano, no espaço quadridimensional existiriam inúmeros mundos paralelos para cada mundo tridimensional material. (...)

O professor Senkowski havia anotado algumas linhas com perguntas a Swejen Salter (S) no seu computador, em Mainz, e as armazenara num disquete. Numa carta de informações que S introduziu no computador do casal Harsch, ela agradeceu pelo disquete e acolheu os textos sobre física do mesmo. Afirmou que os habitantes da terra não teriam apenas uma outra cosmovisão física, mas também uma física diferente. Em sua resposta levantou numerosos problemas sobre medições astronômicas da física nuclear, da biologia e de outras disciplinas, e provou, através das suas declarações, possuir um enorme conhecimento das ciências naturais. A existência do seu texto no computador foi anunciada por vias transauditivas, sob menção da palavra de código. A impressão original foi feita em letra pequena, com erros insignificantes. Esse texto de computador, de 6/2/88, foi acompanhado, na mesma data, por uma imagem quantitativamente boa de si mesma, na tela da TV. Ocorreu então um diálogo entre Senkowski, George Meek e a sra. Harsch, de um lado, e o T, Raudive, Jürgenson e Klaus Schreiber, falecido em 7/1/88, do outro lado. Schreiber dirigiu-se a Senkowski dizendo: “Meu caro amigo Ernst”, no que exprimia seu orgulho por haver conseguido concretizar a transmissão da imagem (imagem de Klaus Schreiber com a mão esquerda sobre o coração, no televisor de uma mulher do sul da Alemanha!). Senkowski respondeu: “Parece, como dantes, inconcebível, mas é a pura realidade”.

Muita coisa permanece incompreensível para os experimentadores, como o fato de a constelação dos planetas ser favorável ou desfavorável para os contatos. No início, um instrumento medidor do tempo (o metrônomo, entre outros) serviu para o ajuste do ritmo da fala do Além. O que também é incompreensível para nós é a coerência entre as ondas cerebrais dos terrestres e a frequência do rádio. Ruídos que aqui aparecem e interferem devem provir de um aparelho de múltiplos propósitos do Além. Tal aparelho e o Cronovisor possibilitariam uma visão do futuro, além dos contatos com os mundos paralelos. Incompreensível é também a afirmação de que as gravações em fita de transmissões da GA-1 devem ser apagadas 15 a 20 minutos depois, uma vez que por tais contatos seria “aberta uma porta entre as dimensões”; as linhas de tempo se alterariam, o que

poderia ser fatal para os experimentadores.

As interferências nas transmissões podem ter muitas causas: com mau tempo surgem campos de perturbação eletromagnéticos, que deverão primeiramente ser despolarizados. (...) A situação se agrava quando seres inferiores simulam contatos do grupo de Luxemburgo ao T, motivo pelo qual o grupo de transcomunicadores nem sempre sabe se realmente é o grupo Harsch que se anuncia a eles, através de falas ou entradas no computador. Raudive disse, certa vez, que devemos imaginar a instalação do Além como um computador: o que se fala aqui chega por escrito no Além. Ocasionalmente, mencionam que esses contatos requerem energia, que se esgota com o tempo. Quando certa vez a voz do T começou a mudar, ele disse que necessitava sintetizar a voz de outro modo, de remodulá-la.

A denominação Ponte do Eurossinal (PES) prende-se ao fato de que a frequência do rádio necessitar ser ajustada a cerca de 87 MHz, perto do Eurossinal. Os componentes da PES são: dois rádios, um aparelho de TV em preto-e-branco ligado num canal livre, um gerador de campo segundo Hans-Otto König, duas lâmpadas de UV penduradas num suporte, e um alto-falante com filtro. O televisor é ligado a um filtro paramétrico e esse a um amplificador de som que, por sua vez, é ligado a um filtro e a um alto-falante. O ritmo de tempo parece constituir uma dificuldade particular para os seres do Além, motivo pelo qual é necessária uma luz fluorescente cuja lâmpada pisque em ritmo de milissegundos. Um microfone portátil transmite as mensagens do alto-falante para um gravador de fitas. A luz de uma lanterna elétrica manual deve ser dirigida aos dois receptores de FM. O motivo de tudo isso nós, humanos, ignoramos. A duração dos respectivos contatos era de no máximo 10 a 15 minutos. Uma vez que os trans-sinais não vinham sempre na mesma frequência, era necessário procurá-los no 'dial' do aparelho, a cada vez, e sintonizá-los com precisão. Pareciam variar entre 87 e 92 MHz. O reajuste durante o contato era muitas vezes necessário. As vozes surgiam de um dos dois aparelhos de rádio, mas ocasionalmente também pela televisão. As transmissões estão ligadas a eventos psíquicos particulares, o que significa que nem todos podem obter vozes com tal combinação de aparelhos, para fazer as suas perguntas. O casal Harsch e o seu antigo colaborador técnico possuem habilidades mediúnicas.

[LOCHER & HARSCH (1989), 1997, pp.123-130]

2.5.3 - pesquisadores diversos prestam ajuda à Estação Luxemburgo

O professor Senkowski, como físico, examinou essa instalação técnica e constatou que não pode tratar-se de manipulações enganosas. Várias transmissões foram conseguidas na sua presença e na de outros pesquisadores. / Somente na primavera de 1986 os três experimentadores de Luxemburgo, após tentativas pertinazes, conseguiram as primeiras vozes diretamente do alto-falante do rádio. Desde então ocorreram, com frequência, centenas de palavras em amplas transmissões.

O “conjunto de comunicação recíproca” GA-I permitia amplas e tranquilas comunicações fluentes nos dois sentidos por alguns minutos. Além do rádio com antena, possui ligações de diodos, lâmpada, microfone, translador de frequências, entre outros. (...) Senkowski encontrou uma variedade de normas no emprego dessas duas combinações de aparelhos. Essas normas, no seu modo de atuar, não são explicáveis pela física atual. As energias psíquicas dos pesquisadores parecem desempenhar um papel importante, porém nossa ciência acadêmica não conhece nenhuma disciplina que estude as conexões entre a física e a psicologia. O fato de não se tratar de fenômenos ligados ao lugar, mas às pessoas, é demonstrado pelas tentativas realizadas fora da residência do casal Harsch. A hora da transmissão das mensagens era, na maioria das vezes, fixada pelos seres do Além. Uma vez que as comunicações eram feitas em frequências alternadas, era necessário regular com precisão os aparelhos no início dos experimentos e reajustá-los durante os mesmos. Durante a fala de um ser do Além pela PES, os sinais do sistema de Eurochamadas eram mais ou menos bem audíveis. Pela instalação GA-I, as transmissões eram por longo tempo isentas de interferências uma vez que as emissoras de rádio vizinhas, de ondas ultracurtas, estavam nesse momento suprimidas. (...)

No que se refere ao aparecimento de transmissões no computador, George Meek escreveu na sua revista Unlimited Horizons, na primavera de 1988 (tradução): “Durante várias semanas, o ‘Técnico’ e Swejen Salter deram instruções a Maggy e Jules, na esperança de que tais conselhos conduzissem ao emprego do computador como meio de comunicação recíproca. Ao voltar do trabalho, certo dia, Maggy verificou que o computador havia sido ligado na sua ausência. Um emaranhado de letras maiúsculas e minúsculas, com intervalos ocasionais, linhas em branco e margens irregulares davam a entender

que uma criança havia brincado com as teclas do computador. Discussões posteriores entre Maggy e Swejen Salter, através do sistema de rádio, melhoraram a comunicação pelo computador ou processador de palavras até um ponto que deixou o dr. Senkowski e eu totalmente surpresos com aquilo que em seguida se desenrolaria diante de nossos olhos. O sr. Senkowski havia preparado perguntas sobre assuntos... científicos, e as tinha enviado pelo correio a Maggy, em Luxemburgo. Recebemos instrução de Swejen Salter, por 'rádio', de nos reunirmos na sala do computador. Para nossa grande surpresa, a impressora produziu, num ritmo de 200 palavras/minuto, duas páginas inteiras de texto. Esse texto foi impresso totalmente com letras minúsculas, sem espaço entre as mesmas, sem parágrafos e, naturalmente, em língua alemã... Swejen Salter demonstrou possuir um nível superior de conhecimento através da sua habilidade de usar meios paranormais para emitir seus comentários por meio de chips de um computador de Luxemburgo, sem qualquer ajuda humana... E provável que os senhores Tesla, Edison e Marconi ficarão contentes ao saberem que os seus sonhos 'malucos' sobre um sistema instrumental de contatos com planos de consciência mais elevados estão sendo, finalmente, transformados num sistema refinado e computadorizado de comunicação recíproca." S transmitiu a Senkowski uma fórmula pelo computador relativa a experimentos realizados em Varid (o seu planeta natal), durante os quais ela faleceu." (...)

S agora era a nova dirigente humana do grupo Fluxo de Tempo, no qual trabalhavam numerosos outros falecidos, empenhados no contato com a terra. Assim, anunciaram-se Klaus Schreiber, Friedrich Jürgenson, J. P. Scherer, Arthur Conan Doyle, Jean E., Mich Fischbach e Margret Mackes. O grande inventor Nikola Tesla teria também participado da "construção da ponte". (...) A nova combinação de aparelhos, denominada Ponte de Burton⁶, era bem mais simples. Além do computador e do telefone, consistia apenas de um rádio ou TV, de um gerador de campo e de duas lâmpadas de UV, cujos fachos de luz se cruzavam.

6) A Ponte de Burton é denominada assim devido à colaboração de Sir Richard Francis Burton, pesquisador falecido na Terra em 1891, que se anunciou pela primeira vez à Estação Luxemburgo em fins de novembro de 1987 via computador. Burton coordenou a retomada dos contatos a partir da Estação Fluxo do Tempo logo após o período de instabilidade que se seguiu à ocupação dessa estação por entidades interessadas em destruir as comunicações entre Marduk e a Terra.

George W. Meek e Prof. Senkowski (...) empreenderam, em fevereiro de 1988, uma viagem a vários países para promover o intercâmbio de informações e unir as estações de TC. Nessa atividade, de importância para o futuro, visitaram Luxemburgo, Aachen, Stuttgart, Udine, Fermo, Zurique e Mainz. Para a viagem a Luxemburgo, o grupo Fluxo de Tempo planejou uma transmissão de imagens. Seguindo as instruções de S, conseguiram, na tarde do dia 6 de Fevereiro, a recepção de uma imagem e a respectiva filmagem em câmara de vídeo (...) na presença de Meek e Senkowski (...) Foram efetuados curtos diálogos entre Senkowski, Meek e Harsch, de um lado, e o T, R, Jürgenson e Klaus Schreibeir, do outro lado, nos quais Klaus Schreibeir, falecido recentemente em 7/1/88, dirigiu-se a Senkowski em voz alta e clara (...). Quando o dr. Ralf Determeyer visitou o casal Harsch no dia 1 de Julho de 1988, R se anunciou à noite: “Isso que estão presenciando neste momento é um momento histórico, tanto no vosso lado como no de cá. É a primeira vez que uma imagem e o som são transmitidos e recebidos simultaneamente. Decidi transmitir uma imagem de min mesmo, como me mostro neste lado, na margem do Rio da Eternidade”. (...)

S queixava-se com frequência do fato de sentir a falta da ajuda de cientistas no seu lado. De acordo com o tempo terrestre, ela iniciara, em companhia de Richard Francis Burton, no verão de 1988, uma viagem de reconhecimento em conjunto com outros habitantes do planeta Marduk. (...) S relatou o encontro entre cientistas e novos interessados, cujo interesse conseguiu despertar para um trabalho em conjunto, como por exemplo Marie Curie e Albert Einstein. / Alguns não estão interessados numa colaboração como, entre outros, Alexander Graham Bell, o inventor do telefone. Este recusa-se a reativar seus antigos interesses terrestres pela comunicação técnica. “Lamento a sua recusa”, disse S, “pois Alexander Graham Bell poderia ter sido uma grande ajuda no aperfeiçoamento dos contatos telefônicos.”

[LOCHER & HARSCH (1989), 1997, pp.131-152]

2.5.4 - Marduk e o Rio da Eternidade

Segundo contatos recebidos na Estação Luxemburgo, os habitantes do “terceiro plano” são pessoas como nós (com um corpo semelhante ao tinham em vida), porém, moldado num ambiente com condições físicas e cósmicas diferentes; depois da morte física, a existência prosseguiria num ambiente muito similar às descrições de Frederic Myers quando de seu primeiro relato intermediado por Geraldine Cummins. Procedamos portanto ao resumo das informações transmitidas através da Ponte de Burton:

Nós possuímos um corpo como o seu. Ele se origina numa outra base de vibrações mais finas do que o seu mundo de matéria grosseira. Aqui não existem doenças; os membros que faltam crescem novamente. Corpos que no seu mundo eram atrofiados, aqui são regenerados. Vivemos em habitações confortavelmente mobiliadas. As paisagens são impressionantemente belas. A idade média das pessoas que aqui continuam a viver é de 25 a 30 anos. Pessoas que na terra morrem com idade avançada, acordam aqui totalmente conscientes, após um sono regenerador. Esse sono de repouso tem a duração terrestre de cerca de seis semanas. Nalguns casos pode durar um pouco menos. As crianças que chegam ao terceiro plano são carinhosamente recebidas e cuidadas pelos falecidos parentes. As crianças crescem e continuam a se desenvolver até atingirem a idade média de 25 a 30 anos. Vivemos na companhia de outras formas de vida, com seres humanos que antes da morte física habitavam outros planetas, com anões, gigantes e gnomos, bem como com seres incorpóreos. Cerca de 60 bilhões de humanóides encontram-se aqui provenientes de todos os mundos existentes. A amizade e a parceria continuam a ser cultivadas. / A sexualidade não é recusada, de modo algum, pois faz parte do ser humano, sob a condição de que os dois parceiros sejam harmoniosos e que desejem a sexualidade. / Também os animais continuam a viver no terceiro plano, depois da morte. Não lhes falta nada, e são devidamente cuidados. Comemos e bebemos como vocês. Nossa alimentação é elaborada sinteticamente, isto é, podemos, por assim dizer, materializar alimentos terrestres. A carne, que ainda apetece a alguns, é apenas uma reprodução da matéria, e nenhum animal necessita morrer por causa de outro ser vivo. Existem aqui tipos de animais desconhecidos na terra, como, por exemplo, aves paradisíacas e borboletas ricamente coloridas. A

temperatura é bastante agradável. A personalidade e o caráter da pessoa que aqui chega não são alterados pelo processo mortal. Todos os seres vivos podem continuar aprendendo. Não acordam com novos conhecimentos no terceiro plano. Os problemas e conflitos psíquicos ainda continuam aqui. O terceiro plano se encontra num planeta que denominamos Marduk. Esse último é separado da terra pelo tempo e pelo espaço e não pode ser situado geometricamente no sistema solar terrestre. Marduk possui três sóis. O planeta gira em torno de um sol e é iluminado pelos outros dois. Nunca fica totalmente escuro. O perímetro de Marduk é calculado em cerca de 127.000 km. Sua lua é maior que a da Terra. Um único rio percorre Marduk. Move-se em numerosas curvas por todo o planeta. A maior profundidade do rio é de cerca de 17.000 metros, e a maior largura de 3.700 metros. O terceiro plano do Além é uma reprodução do espírito humano, todavia, tão real como a Terra. (...) Para estabelecer os contatos com a Terra, necessitamos nos aproximar dela e nos ajustarmos da melhor maneira possível.

Sir Richard Francis Burtom

O Rio da Eternidade estende-se por milhões de quilômetros. Às suas margens vivem todos aqueles que alguma vez foram pessoas. Existem aqui diferenças substanciais: animais, a vegetação varia de formas minúsculas até sequóias, e muitas habitações são de madeira. Algumas pessoas ou animais são aqui, por assim dizer, reavivadas em estado de novas. Esse também foi o caso de K. Outras pessoas, como aquela que vocês chamam de Margret Mackes, vem a nós como pessoas idosas e rejuvenescem após um sono regenerador. A razão dessas diferenças é desconhecida. No fim do processo de crescimento ou rejuvenescimento, conforme o caso, todos aqueles que já foram pessoas têm uma idade de aproximadamente vinte e cinco a trinta anos. Os animais têm a idade na qual se sentiam melhor, uma vez que aqui não existem fatores estéticos. Tecidos danificados e até ossos são regenerados, assim como na terra uma ferida cicatriza, por exemplo, mas com maior perfeição. Membros podem crescer novamente. Cegos podem ver de novo, etc. A altura, a cor do cabelo e a cor da pele não podem ser escolhidos, mas são iguais ao que eram durante a vida terrena. Aqui, no mundo do rio, chegam seres de todos os mundos existentes. Assim, vivem aqui gnomos e gigantes em companhia de seres incorpóreos e pessoas do planeta Terra. Os sócias que eram

ligados em muitos paralelos, todavia, não vivem no mesmo lugar do rio. (...) Eu mesma estou aqui há apenas dois meses, de acordo com o seu tempo, pois morri no meu mundo 'Varid' em consequência de um desastre (...).

Dra. Swejen Salter

*[LOCHER & HARSCH (1989), 1997, pp.153-167]*⁷

2.5.5 - limitações dos contatos

Segundo Mark Macy, colaborador de George Meek na Terra, desde o ano 2000 não se relatam contatos efetuados a partir das estações interdimensionais de Marduk. Supõe-se que isso decorra de dificuldades encontradas pelos comunicadores do grupo Fluxo-do-Tempo quando da anteriormente citada passagem para a terceira fase de transcomunicações, pois, como dissera a entidade não humana “o Técnico”, mesmo que as comunicações cessassem, esse grupo continuaria sempre trabalhando para melhorar e ampliar os contatos. Permanecemos sem respostas palpáveis para a atual lacuna nos contatos, entretanto, antes de encerrar esta seção, consideremos as palavras do Dr. Theo Locher sobre um contato recebido de Sir Francis Richard Burton e, em seguida, alguns apontamentos do Dr. Ernst Senkowisk sobre possíveis dificuldades encontradas pelos transcomunicadores de Marduk:

O sucesso da fase inicial serviu exclusivamente para mostrar às pessoas, com o auxílio de outras, que os contatos técnicos diretos entre as dimensões eram possíveis. Entraremos brevemente numa terceira fase, que trará consigo uma alteração (...) quanto à nova aparelhagem; o equipamento de contato com o Além não é comparável a um aparelho que pode ser ligado e desligado a bel-prazer. Pela expressão “novo aparelhamento” deve-se entender um “sistema” que compreende aparelhos auxiliares técnicos bem

7) Extratos de contatos interdimensionais recebidos via computador em forma de textos; relatos escritos por Sir Richard F. Burton e Dra. Swejen Salter logo após a expedição de reconhecimento que realizaram ao longo do Rio da Eternidade em Marduk.

como o “material” humano. (...) Os seres do Além também nos alertam para o fato de que são limitados, e que nem sempre estão tão adiantados como supomos. (...) “Não se esqueçam”, disse-nos Richard Francis Burton, em dezembro de 1988, pelo computador, “que não somos muito mais avançados do que vocês, pelo menos, o nosso grupo humano, e nisso incluo todos os humanóides... no sentido técnico, intelectual ou moral. Nunca se esqueçam de que os cientistas que aqui trabalham são apenas a continuação dos seres vivos que, na Terra, num invólucro mortal, aprenderam algo e agora podem construir sobre o mesmo!”

[BURTON (1988), apud LOCHER & HARSCH (1989), 1997, p.172]

1. Outras estruturas de consciência necessitam ajustar-se à nossa compreensão, condicionada à Terra. Os sistemas de compreensão aqui e lá são diferentes.

2. Cada acontecimento material-energético é caracterizado como um ponto quadridimensional no tempo-espço. Nesse padrão de pensamento a seqüência de acontecimentos representa então uma linha mundial, uma linha de tempo, e o fluxo de um grupo de acontecimentos representa um feixe dessas linhas mundiais. O problema então é que uma entidade do Além necessita primeiramente localizar-nos na nossa dinâmica de tempo-espço. Isso é dificultado pelo nosso livre-arbítrio: o que faremos e quando; onde ficaremos?

3. A velocidade do fluxo de tempo aparenta ser diferente aqui e lá, motivo pelo qual os seres do Além necessitam de sincronização. Essa também é, provavelmente, a razão das denominações grupo Fluxo de Tempo e Co-Tempo.

4. Finalmente, as entidades do Além necessitam produzir efeitos físicos no nosso tempo-espço, “que, no final, são percebidos por nossos órgãos sensoriais”. Senkowski diz então: “Assim pode ser demonstrado o efeito físico como produto de energia X tempo, independentemente do tipo e volume da participação de componentes psicofisiológicos dos pesquisadores terrestres. Portanto, pelo menos uma dessas grandezas necessita ser manipulada, o que, na prática, provavelmente não é a

'transferência' de 'energia', no sentido físico comum.

*[SENKOWSKI (1988), apud LOCHER & HARSCH (1989), 1997, p.190]*⁸

2.6 - notas laboratoriais

Como disséramos de início, práxis e teoria caminharam lado a lado durante toda a pesquisa, resultando num plano heterogêneo do qual não faria sentido separar o dispositivo que descreveremos nas próximas linhas. Menos à máquina, mais aos achados que dela pudéramos perscrutar pediríamos ao leitor especial atenção para que se possa adentrar nova camada desse embricado conjunto de informações aqui colimado.

É possível que venha a parecer inespecífica ou arbitrária a razão de nossa opção pela montagem de um aparelho baseado na patente nro. 645576 de Nikola Tesla, porém, não será difícil perceber sua pertinência em relação ao experimento. Para tanto, relembremos o pioneirismo de Tesla quando das primeiras incursões científicas em torno das telecomunicações - época na qual, nem mesmo este termo havia sido formulado - e também lembremos os relatos da Dra. Swejen Salter sobre a decisiva participação desse inventor na construção da recém-citada Ponte de Burton.

Nesse sentido, poderia ser igualmente interessante a opção por algum dos inventos de Roberto Landell de Moura, haja visto que este último, segundo

⁸) A primeira jornada de TC instrumental na Suíça foi realizada em 9 de Setembro de 1988, em Berna, dirigida pela Sociedade Suíça de Parapsicologia. Os oradores foram o professor dr. Arthur Hoffmann, o professor Senkowski, da RFA, Jules e Maggy Harsch, de Luxemburgo, e Theo Locher. No seu segundo discurso teórico Senkowski citou quatro problemas que os seres que se comunicam conosco aparentemente têm de resolver. Assim como esse evento científico, diversos outros foram e têm sido organizados, entretanto, as recentes trasncomunicações relatadas têm se dado majoritariamente via EVP, como no tempo das pesquisas de Jürgenson e Raudive.

relata Sonia Rinaldi⁹, também participara intensamente dos trabalhos técnicos necessários aos contatos com a Terra efetuadas a partir do planeta Marduk, assim como, parece ter também conseguido algum sucesso na recepção de ondulações interdimensionais quando de sua existência na Terra. Entretanto, a escassez de informações acerca do seu possível trascomunicador (vide subseção 2.2.6.2 - ‘senza titolo’) tornaria demasiado especulativo e até mesmo contraproducente nosso trabalho laboratorial caso optássemos pela montagem deste aparelho.

Por fim, ressaltamos dois detalhes bastante decisivos quando da opção pela patente nro. 645576: não requisição de alimentação elétrica e ausência de conexões à crosta terrestre. Desses fatores, percebe-se imediatamente a capacidade de afetação desse invento por meios invisíveis aos sentidos estritamente corpóreos, e torna-se clara sua conveniência metodológica, haja visto permitir um isolamento ainda maior do aparelho em relação ao entorno palpável.

2.6.1 - do acesso aos materiais

Considerando as muitas dificuldades e(ou) impossibilidades de se reproduzir a rigor algumas das partes do invento de Tesla - seja em razão das imprecisões de algumas das informações presentes no referido documento, seja em face das inviabilidades técnicas que ao longo do processo emergiram - vimos-nos compelidos a optar por componentes eletrônicos industrializados que proporcionassem valores (capacitância, resistividade, condutância etc.) concordantes aos descritos na referida patente.

Assim, reunidos os componentes, pudemos proceder à montagem, tendo como base o esquema eletrônico e a lista apresentados abaixo. Essa etapa fora 9) [RINALDI, 1997, pp.7-11]

registrada em imagens fotográficas, das quais escolheramos momentos mais relevantes do processo (vide apêndice I).

- 01 - recipiente de vidro (invólucro do aparelho)
- 01 - disco de Plexiglas 3mm (placa-base para montagem dos componentes)
- 01 - capacitor variável de valor 60 a 160 Picofarad (C1)
- 01 - knob compatível ao capacitor variável (para ajuste fino)
- 01 - barra de ferrite para antenna (F1)
- 01 - diodo de germânio 1N34A (D1)
- 01 - capacitor cerâmico de valor 0,01 Microfarad; modelo 102 (C2)
- 01 - resistor de valor 47K (R1)
- 02 - conectores para painel (entradas das antenas)
- 04 - plugues para conector do tipo painel (terminais de conexão das antenas)
- 01 - conector 3.5 mm mono-aural para painel (saída de áudio)
- 01 - miliamperímetro para medição de 0 a 200 mA (para medição numérica dos sinais captados)
- 02 - fones de cristal (para transdução/audição dos sinais captados)

2.6.2 - da localização do laboratório

A busca por um local onde se pudesse desenvolver experimentos relativos aos contatos interdimensionais tomou mais tempo do que se podia prever, gerando problemas num primeiro momento e grande benefício logo em seguida. Felizmente, somente quando já estávamos bastante parametrizados por estudos teóricos de pesquisadores outros, surgira casualmente a oferta de um imóvel adequado aos requisitos metodológicos depreendidos de tais estudos e concordante com nossas limitações pecuniárias.

Fora então eleita como morada da base experimental uma pequena sala do Edifício Diederichsen, conjunto arquitetônico multiplano mais antigo da cidade de Ribeirão Preto e do interior do Estado de São Paulo. Em uso desde 1936, tal edifício nunca fora descaracterizado, abrigando atmosfera bastante densa, marcada por vestígios daqueles que ali passaram desde os anos 1930. Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto administra o imóvel, oferecendo pequenos conjuntos a um preço bastante acessível, fator de suma importância em nosso caso.

2.6.3 - do método aplicado

Tendo como elemento central da captação de energias ondulatórias o diodo de germânio acima listado, pode-se considerar os demais componentes como peças auxiliares, destinadas à amplificação dessa capacidade reacional do germânio. Portanto, qualquer dispositivo acessório diretamente ligado ao aparelho em questão poderia produzir artefatos de técnica indesejáveis.

Com isso em vista, resumimos ao máximo o arranjo de equipamentos destinados à coleta de dados, deixando apenas um micro-controlador programável e um gravador de áudio digital junto ao aparelho receptor. As gravações ocorreram

diariamente, em módulos de 05 minutos desencadeados automaticamente pelo circuito micro-controlador, sempre a partir das 23:00 - aproveitando a redução de ruídos e atividades vizinhas. Foram gravadas as amostras até que se preenchesse totalmente um disco de tipo MD-80 em qualidade máxima e canal mono, resultando em 32 gravações (tempo total do disco / tempo da gravação diária = número de amostras).

Todas as gravações foram submetidas a análise gráfica via computador e à apreciação acústica de dois pesquisadores convidados, que trocavam informações entre si após as sessões de audição. Dessa forma, chegou-se ao tabulamento de dados (vide seção 2.6.4) a partir do qual houve algumas possibilidades de interpretação.

2.6.4 - achados sonoros e numéricos

Das sessões de escuta e discussão sobre amostras sonoras derivaram relatos mais subjetivos, porém bastante importantes para a formulação de nossas hipóteses. Ouviram-se em diversos momentos das gravações repetidos picos de estranha atividade rítmica e tonal, muito diferentes de quaisquer outros sons produzidos por seres vivos conhecidos pelos pesquisadores envolvidos.

Desta feita, tentou-se auferir, por meio da tradução gráfica das faixas sonoras, uma análise numérica que permitisse-nos encontrar alguma lógica ou padrão compreensíveis. Mas, talvez por ineficiência do modelo de análise, talvez em razão da noção de linguagem sonora que o presente autor carrega, nada similar aos significantes lexicais terrenos foi identificado por esse caminho. Apenas a percepção de variações ainda muito irregulares fora obtida, levando-nos à acreditar na possibilidade de alguma correlação com as formas de

existência definidas por Rudolf Steiner como “almas de grupo”, quando de suas conferências proferidas na cidade de Colônia em 1908. Segundo Steiner, “os animais são perpassados por correntes que, em número infinito, fluem em todas as direções ao redor da Terra e atuam sobre os animais fluindo (...) continuamente em movimento circular, em todas as alturas e direções” [STEINER (1908), 1996, p.16].

Portanto, se houermos captado algo como essas correntes de “número infinito”, seria impossível decifrar tamanha profusão de informações, o que explicaria as dificuldades encontradas na busca de um padrão matemático ou sonoro identificáveis; por outro lado, se essa energia existe em torno de nós sem que a percebamos, seria muito difícil encontrar algum dado que não fosse necessariamente uma distorção dos padrões dessa dinâmica planetária. Como bem aponta Raymond Murray Schafer em seu célebre compêndio, “A afinação do Mundo” [SHAFFER (1977), 1997, p.145], seria algo como tentar ouvir a Música das Esferas ou separar da paisagem um som que, por ter sempre existido, não pode mais ser percebido.

3 - conclusão

Revisados os períodos e experimentos que ao longo dos últimos séculos tem contribuído para a efetivação de contatos os mais distantes possíveis, é chegada a hora de reelaborar em forma de síntese essa avolumada coleção de relatos e dados pela qual acaba de passar o leitor. Sem visar a extrações taxionômicas ou cristalizadoras do assunto, separamos em dois blocos nosso último capítulo, um mais objetivo, outro mais reticente.

Enfim, faz-se necessário assumir a inconclusividade do experimento acima descrito, sem com isso perder de vista que, tanto a impossibilidade de

comprovar uma idéia quanto a impossibilidade de comprovar seu contrário podem, igualmente, manter a latência de uma mesma suspeita. Assim, da presente dissertação, bem mais do que conclusões, espera-se dúvidas pertinazes que promovam algum escape aos enganos usualmente sobrepostos ao incerto e ao desconhecido, tomando força de verdade justamente pela falta explicações facilmente encadeáveis que venham a substituir tais simulacros.

3.1 - recorrências teóricas

Assunto muito freqüente na bibliografia sobre a qual nos debruçámos foi a busca por teorias comprobatórias das dimensões paralelas. Cada qual baseada num certo tipo de retórica/raciocínio/linguagem, porém, todas afeitas à idéia de uma possível heterogeneidade do universo, que poderia abrigar instâncias a um só tempo separadas e unidas entre si. Guardadas as devidas proporções, pôde-se encontrar profundas congruências entre autores de diferentes meios intelectuais/discursivos como, Friedrich Zöllner (catedrático de Astrofísica da Universidade de Leipzig; final do século XIX), Frederic Myers (co-fundador da Society for Psychical Research) e o espírito André Luis (psicografado por Chico Xavier em *Nosso Lar*); os três autores descrevem a existência de uma quarta dimensão, cada qual comprovando-a de um modo. Da mesma maneira, descrições sobre a existência de um elemento anterior à matéria e comum aos vários momentos do universo também aparecem em momentos específicos da obra de autores igualmente diversos. David Bohm, Hernani Guimarães e Landell de Moura, sob nomenclaturas diferentes, esforçaram-se para descrever essa espécie de fator primevo da existência, que tanto serviria de base quanto atravessaria todos os eventos que na infinitude se desenvolvem.

Assim, sem embargo algum - tomando para nós essas possibilidades teóricas sobre a existência de dimensões paralelas e sobre a presença de um “elemento

universal” capaz de conectá-las - poderíamos reconsiderar as palavras de Thomas Edison acerca dos transcontratos, tratando-as simplesmente como uma breve ilação à viabilidade dos contatos telecomunicacionais entre dimensões distintas:

(...) se a personalidade existe depois daquilo que chamamos morte, é razoável concluir que aqueles que abandonam esta terra gostariam de comunicar-se com aqueles que aqui deixaram. (...) se este raciocínio está correto, então, se pudermos produzir um aparelho tão delicado, que possa ser afetado, ou movido, ou manipulado (...) por nossa personalidade, tal como ela sobrevive na vida que vem a seguir, tal instrumento, quando estiver à nossa disposição, deverá registrar alguma coisa.

Curiosamente, a adesão de pesquisadores afeitos ao campo da arte também tem sido uma constante ao longo da história dos contatos interdimensionais. Como citámos anteriormente, Friedrich Jürgenson era cantor lírico e artista visual, Atila Von Szalay fotógrafo profissional e Hilda Hirst, que também dedicou-se com afinco à pesquisa do EVP durante os anos 1970, sabemos todos, legou vasta e reconhecida obra ao campo da literatura. Finalmente, devemos citar o Dr. Mário Ramiro, outro artista visual interessado nas pesquisas sobre transcomunicação instrumental, que, recentemente (2008), publicou elaboradíssima tese sobre “Fotografia dos Espíritos no Brasil”, na qual reúne preciosos dados sobre a obtenção de contatos interdimensionais na forma de imagens técnicas.

3.2 - considerações finais

Já bem próximos do encerramento, assinalemos algumas considerações finais importantíssimas à revisão das informações anteriores. Começamos portanto com as palavras de Michel Foucault, quando de sua Aula Inaugural pronunciada em dezembro de 1970 no Collège de France:

No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber. O exterior de uma ciência é mais e menos povoado do que se crê (...) talvez não haja erros em sentido estrito, porque o erro só pode surgir e ser decidido no interior de uma prática definida; em contrapartida, rondam monstros cuja forma muda com a história do saber. (...) Muitas vezes se perguntou como os botânicos do século XIX puderam não ver que o que Mendel dizia era verdade. Acontece que Mendel falava de objetos, empregava métodos, situava-se num horizonte teórico estranhos à biologia de sua época. (...) Mendel era um monstro verdadeiro, o que fazia com que a ciência não pudesse falar nele; enquanto Schleiden, por exemplo, uns trinta anos antes, negando, em pleno século XIX, a sexualidade vegetal, mas conforme as regras do discurso biológico, formulava senão um erro disciplinado. / É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos.

[FOUCAULT (1970), 2006, pp.33-35]

Pois bem, façamos agora pequeno esforço para unir o parágrafo acima às palavras de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Capitalismo e Esquizofrenia*, quando da definição do conceito de “*máquina de guerra*”, diferenciando dois tipos de ciência, uma “*régia*” e outra “*menor*” ou “*nômade*”: “*Há um gênero de ciência, ou um tratamento da ciência, que parece muito difícil de classificar, e cuja história é até difícil seguir. Não são “técnicas”, segundo a aceção costumeira. Porém, tampouco são “ciências”, no sentido régio ou legal estabelecido pela História*”. A “*ciência nômade*” seria como um “*modelo é problemático, e não mais teorematizado*” a partir do qual “*o problema não é um “obstáculo”, é a ultrapassagem do obstáculo, uma projeção, isto é, uma máquina de guerra*” e a “*ciência nômade*” seria portanto “*todo esse movimento que a ciência régia se esforça por limitar, quando reduz ao máximo a parte do “elemento-problema”, e o subordina ao “elemento-teorema*.” [DELEUZE; GATTARI, 2008, p-24-25]

Talvez seja excessivo qualquer comentário de nossa parte em relação aos excertos recém-citados. Todavia, gostaríamos de adicionar uma última contraposição ortogonal, que poderá sintetizar sobremaneira os ‘*modus*’ ‘*operandi*’, ‘*faciendi*’ e ‘*vivendi*’ acadêmicos que, interna e externamente, atravessaram, insuflaram e combateram o presente estudo para lhe dar forma:

O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (...) O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. (...) no que se chama globalmente um comentário, o desnível entre texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários (...) permite construir (e indefinidamente) novos discursos (...) dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. (...) O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado.

[FOUCAULT (1970), 2006, pp.24-28]

4 - BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Hamilton. **Padre Landell de Moura, um herói sem glória: o brasileiro que inventou o rádio, a TV, o teletipo...** Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. 312 p.

_____. **Landell de Moura**. 5ª Edição. Porto Alegre: Tchê!, 1984. 91 p.

ANDRADE, Hernani Guimarães. **A transcomunicação através dos tempos**. São Paulo: Editora Jornalística FE, 1997. 301 P.

BANDER, Peter. **Os espíritos comunicam-se por gravadores**. Tradução Harry Meredig. 4o. Edição. São Paulo: Edicel, 1985. 190 P.

BOCARRO, Manuel. **Tratado dos cometas que apareceram em novembro passado de 1618**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2009. 40 p.

BRAGA, Newton. **Eletrônica Paranormal: projetos para outra dimensão**. São Paulo: Editora Saber, 2006. 72 p.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 144 p.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 232 p.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2008. 240 p.

FORNARI, Ernani. **O incrível padre Landell de Moura: o brasileiro precursor das telecomunicações**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 158 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006. 79 p.

GOLDSTEIN, Karl W. **Transcomunicação instrumental**. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1992. 179 p.

GUSMÃO, João Maria; PAIVA, Pedro. **Abissologia**: Horizonte de acontecimientos. Madrid: La Fabrica, 2008. 204 p.

JUERGENSON, Friedrich. **Telefone para o além**: nova experiência de contato científico com o Além, dentro dos recursos atuais da era tecnológica. Tradução de Else Kohlbach. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972. 259 p.

LAURENTIZ, Paulo. **A holarquia do pensamento artístico**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. 164 p.

LOCHER, Theo. HARSCH, Maggy. **Transcomunicação**: A comunicação com o além por meios técnicos. 10ª edição. Tradução de Garry Meredig. São Paulo: Editora Pensamento, 1997. 203 p.

MILHOMENS, Newton. **Fotos Kirlian**: como interpretar. 6ª Edição. São Paulo: Ibrasa, 1988. 126 p.

MOLES, Abraham A. **As ciências do impreciso**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 371 p.

NUNES, Clóvis. **Transcomunicação**: comunicações tecnológicas com o mundo dos “mortos”. 2ª Edição. DF: Edicel, 1990. 136 p.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Ignorância do sempre**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 136 p.

QUEVEDO, Oscar G. **O que é parapsicologia**. São Paulo: Edições Loyola, 1974. 123 p.

RAMIRO, Mario. **O Gabinê Fluidificado e a Fotografia dos Espíritos no Brasil**: a representação do invisível no território da arte, em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais, 2008. 162 p. Tese de Doutorado defendida junto ao Depto. de Artes Plásticas da ECA - USP, sob orientação do Prof. Dr. Donato Ferrari.

_____. **Palácios**. São Paulo: SESC Avenida Paulista, 2007. 48 p.
Catálogo sobre o trabalho do artista Mario Ramiro quando de sua participação na exposição Molina Remix.

RINALDI, Sonia. **Espírito**: o desafio da comprovação. São Paulo: Elevação, 2000. 178 p.

_____. **Transcomunicação instrumental**: contatos com o além por vias técnicas. 2º Edição. São Paulo: FE Editora Jornalística, 1997. 225 p.

_____. **Contatos interdimensionais**: uma investigação científica do fenômeno das vozes e imagens eletrônicas vindas do Além. São Paulo: Editora Pensamento, 1999. 237 p.

SAGAN, Carl; DRAKE, F.D.; DRUYAN, Ann; FERRIS, Timothy; LOMBERG, Jon; SAGAN, Linda Salzman Sagan. **Murmúrios da terra**: o disco interestelar da Voyager. Tradução de Maria Goretti Dantas de Oliveira, Ângela do Nascimento Machado e Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1984. 272 p.

SARACENI, Rubens. **A magia divina os elementais**. São Paulo: Madras, 2006. 102 p.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Tradução Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascola. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1991. 399 p.

_____. **Afinação do mundo**. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2001. 381 p.

STEINER, Rudolf. **Seres elementares e seres espirituais**: sua existência e atuação. Tradução de Sérgio Corrêa e Christa Glass. São Paulo: Antroposófica, 1996. 32 p.

STILL, Alfred. **Nas fronteiras da ciência e da parapsicologia**: do normal ao paranormal. Tradução de Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Ibrasa, 1965. 298 p.

TESLA, Nikola. **Talking With The Planets**. New York: Collier's Weekly, February 19, 1901, page 4-5.

TRAMONTE, Alfredo. **El efecto Kirlian**: Detección del aura humana? Buenos Aires: Editorial Kier, 1983. 107 p.

5 - APÊNDICE

Nikola Tesla (acima) e Konstantin Raudive (abaixo)

Roberto Landell de Moura

Guglielmo Marconi

George Meek

Friedrich Jürgenson

Dr. Hans Bender

Dr. David Bohm

Dr. Friedrich Zöllner

Frederic Myers

R. Murray Schaffer

réplica funcional do “Transmissor de Ondas” de Roberto Landell

capacitor variável

diodos de germânio

capacitor cerâmico

barra de ferrite

fio de cobre sólido (p/ antena)

fio de cobre esmaltado

resistores

componentes utilizados na
montagem do experimento descrito
ao longo da seção 2.6;

fores empregados nas sessões de
análise/audição;

disco tipo MD-80 no qual foram
gravadas as amostras.

miliamperímetro *plaqueta de identificação*

circuito recém-montado (acima) e em funcionamento (abaixo)

fachada do edifício Diederichsen (acima) e ambiente interno (abaixo)

6 - ANEXOS